

# Relevo

dezembro/2022, n. 4, a. 13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704

**Assine/Anuncie:** O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama **Enclave** e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**As ilustrações desta edição** são de Natália Azevedo (@nat.azevedoart).

## DOS CUSTOS DA VIDA

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 10 Luciana Marinho Albrecht; R\$ 25 Toni Correa; R\$ 40 Pedro Bertolin; R\$ 45 Marçal Justen Neto; R\$ 50 Shara Lopes; R\$ 65 Jiro Takahashi; João Jasco; R\$ 70 Álvaro Nunes; Amanda Ribeiro; Ana Carolina Magnoni; Anélia Pietrani; Anna Kuzminska; Anônimo; Anthony Portes; Armando Peres; Café Degusto; Caroline Cabral; Christiano Ventura; Cintia Yamanaka; Cris Rettenberger; Dan Porto; Daniel Dereveckki; Daniel Moraes; Dario Alberto de Andrade Filho; Darwin Oliveira; Dédallo Neves; Diana Visconti; Dinovaldo Gilioli; Douglas Rafael Beisl Ferreira; Ederson Nunes; Eduardo Pereira; Eduardo Pereira de Souza; Elaine D. Rodrigues da Silva; Eleazar Venancio Carrias; Emerson Penha; Enrique Correa de Moraes; Eugênio Tolentino; Feliciano Tavares Monteiro; Fernanda Taveira Quintão; Flavio Bertoldi; Francisco Leandro Costa; Gabriel Stroka Ceballos; Geraldo Lima; Giovanna Gonzaga; Guilherme De Miranda Marto; Gusthavo Cabral; Guto Souza; Helena Sofia; Horácio Silva; João Lucas Dusi; João Paulo Andrade; Jonas Faccin; José Carlos da Silva; José Degrazia; Júlia Trovó; Juliana Blasina; Juliana Pavão; Kátia Andrade; Katia Oliveira Santos; Laércio Becker; Leila Maria Flesch; Leonardo Motta Tavares; Lilian Guinski; Lucas Sanches Lima; Luiz Biajoni; Luiz Guilherme Barbosa; Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; Marcelo Wilinski; Márcia Arantes; Maria Barbieri; Mariana Ronchetti; Marisa Valério; Mila Cassins; Nicolas Wolaniuk; Octávio Stofel Oliveira; Pedro Araujo; Priscila Nogueira Branco; Priscila Pinho; Rejane Benvenuto; Renata Silva Pinto; Ricardo Leão; Rita Apoena; Rodrigo Gonçalves; Rômulo Cardoso; Romy Huber Pradi; SENGE-PR; Suyene Correia Santos; Tamara Kiver; Venina Pereira; William Saab; Yuri Araújo; Zeh Gustavo; Rayane Vieira; R\$ 75 João Carlos Magalhães; R\$ 80 Daniel Montoya; R\$ 100 Raul Paiva; Bruno Meirinho; William Soares dos Santos; Alexandre Boide; Renato José de Oliveira; Gláucia Zamara; Mariana Zambon; Luiz Ferreira; Mayra Corrêa e Castro; Cassia Cassitas; Túlio Enrique Stafuzza; Maris Stelmachuk; R\$ 105 Jorge Bernardi; Dani Meriko; Priscila de Sá Santos; Fabiano Klostermann; Natali Gomes Vancini; Eliane Zaionc; Marina Barbosa da Silva; R\$ 120 Conrado Gonçalves; Pedro Bertolin; Pedro Luz; R\$ 130 Jorge Vicente; R\$ 140 Karla Telles; Alexandre Mussiat; Amanda Vital; Gabriel Mussiat; Sandra Acosta; Jordana Machado; Rômulo Cardoso; Shelly Bhoil; Lucas Scandura; Drops da Fal; Teresa Silva; Vinicius Ito Ramos; Jessica Allana Grossi; Ricardo Bernhard; Igor Lazier; Rafael Moia; R\$ 150 Juarez Cognato; R\$ 200 Paulo Lacerda; Henrique de Souza Ramos Riboldi; R\$ 210 Renata Stuani.

**TOTAL: R\$ 11.890**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 60 O Alienígena; R\$ 100 Flávio Sanso; Lycio Vellozo Ribas; Escobar Franelas; Tauane Oliveira; R\$ 140 Valentina Chakr; Karla Telles; Drops Editora; R\$ 150 Ana Amália Alves; Paulo Geovane & Silva; Fazia Poesia; R\$ 200 Vizette Seidel; R\$ 240 Mariana Zambon R\$ 200 William Soares dos Santos; R\$ 4.600 Anúncios Edição Especial.

**TOTAL: R\$ 6.670**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 6.720  
Escritório: R\$ 600  
Embalador: R\$ 300  
Autores e ilustradores: R\$ 510  
Editor-executivo: R\$ 2.400  
Editor-assistente: R\$ 700  
Mídias sociais/comercial: R\$ 1.200  
Diagramação: R\$ 550  
Infografia: R\$ 60

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 500  
Correios: R\$ 5.154

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 70

(+) Entradas totais: **R\$ 18.660**

(-) Saídas totais: **R\$ 19.084**

(=) Resultado operacional: **-R\$ 424**

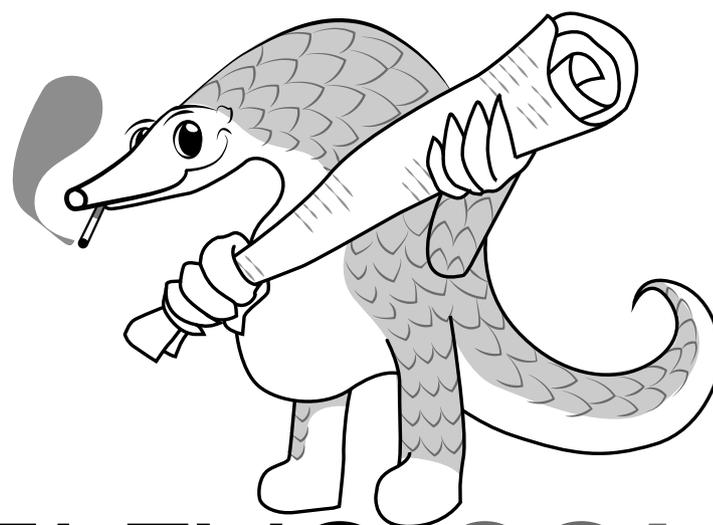
## Dezembro/2022

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Nuno Rau  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de novembro de 2022.

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Bruno Meirinho  
Celso Martini  
Cezar Tridapalli  
Morgana Rech  
Felipe Harmata  
Osny Tavares  
Whisner Fraga



instagram.com  
facebook.com  
twitter.com  
medium.com

# /JORNALRELEVO.COM

## CARTAS

### JORNAL PASSANDO VERGONHA

**Luiz Henrique** Vejam só, meus caros. Fico pensando se vocês tratam os amigos assim, imagino os inimigos... Recebi esta única, agradecida e gentil mensagem no mesmo dia que fiz o depósito, no entanto, até hoje não recebi nenhuma edição (assim como jamais tive resposta de outros — raros — emails enviados, um deles bastante compreensível pelas circunstâncias de vocês, mas chega uma hora que...). Então, quero dizer que, sim, recebo o exemplar da assinatura que fiz ano passado, que vai para outro endereço. Mas desta assinatura, em que ingenuamente quis dar minha parcela de contribuição, para outro endereço (está aqui nas mensagens enviadas anteriormente), já não tem problema, não faço mais questão. Espero que a minha singela colaboração tenha ajudado em algo. E não se preocupem quando chegar a época de renovação daquela primeira assinatura. Saudações e boa sorte!

### MANCADAS & MANCADAS

**Tassiane Lounge** Eu já contribuí com a economia do Jornal pedindo para cancelar os envios, vocês insistem em me enviar os três envelopes.

**Jornal RelevO** Pode deixar que iremos cancelar aqui. Obrigado por nos avisar!

**Tassiane Lounge** Ué, não sabiam? Foi a público alguns meses atrás, quando vocês me expuseram publicando todo o conteúdo de um e-mail meu.

### DECEPÇÕES

**Natalia Miguel** Oláaa, meu jornal de outubro não chegou! Fiquei chateada. Será que extraviou ou tem chance de não ter sido enviado?

**Raphael Cerqueira** Edição de outubro muito boa. Gostei bastante do texto do Nuno Rau, bem esclarecedor. Ainda não recebi a edição de setembro. Atrasou mesmo a entrega?

**Renato Oliveira** Aproveito para fazer uma sugestão: por que não fazer entrevistas com autores novos, cobrando pela divulgação? Há veículos culturais que fazem isso. Aproveito também para enviar em anexo o arquivo em PDF da capa do meu novo romance. Posso enviar um exemplar gratuitamente, caso me forneçam um endereço postal. Boa sorte na campanha de arrecadação de fundos.

**Jean Penha** Assinar jornal de papel? Tô fora!

**Paulo Ricck** Peço desculpas pela demora em responder o email do Jornal. Gostaria de aproveitar o momento para dar uma ideia. Sempre que for possível, mandem, juntamente com o jornal, um boleto ou uma folha com as informações de renovação. Eu mesmo me perco com datas, mas se vocês mandarem uma folha Chamex mesmo — ou um papel de presente todo amassado — com todas as infos de depósito e colocando uma mensagem bonitinha com algum poema esdrúxulo\*, provavelmente não irei esquecer e efetuarei o PIX o mais rápido possível. Agradeço por seguirem firme com o jornalito **RelevO** e nos trazer cultura da mais pura qualidade. Peço que, se possível, coloquem quadrinhos nas edições. Veja se

alguém pode fazer algum quadrinho ou tem dom para desenho, fazendo com que seja possível esse pedido. Valeu! \*Escrevi com termos ligeiramente rebuscados e que levem as pessoas a acharem que está rolando uma treta ou um puxão de orelha, fazendo com que a atenção do leitor fique presa achando que o redator irá dar uma resposta à altura, mas, na verdade, é apenas um fã do jornal gerando engajamento kkkkk. Forte abraço do amigo Paulo Ricck.

**Jorge Luiz Bernardi** Parabéns pelo Jornal. Excelente.

**Sandra Milena Acosta** Tudo bem, pessoal? Vamos renovar sim, bora! Vida longa ao Jornal **RelevO**!

**Eder Capobianco** Hey! Boa tarde! Se-gue uma carta... haehaehae... Procurei um endereço nas edições do **RelevO** para mandar uma carta, mas não achei. O que compreendo. Se tivesse algum tipo de responsabilidade em uma publicação que envolvesse algo tão hediondo como literatura, também me esconderia. Por publicar uma contribuição minha na edição de agosto, “A filosofia de vida do escritor”, de Jack London, vivo isolado numa selva de pedras com medo das represálias, mas muito feliz por ter tido o trabalho publicado, e mais eufórico ainda por ter sido citado pelo ombudsman Nuno Rau. Por fim, mandei um e-mail. Parabéns pelo trabalho de todos e para os leitores pela resistência em continuar sendo leitores. Valeu! Abraços.

**Leila Maria Flesch** Fiz a assinatura básica. Mas assim que melhorar aqui (será em breve), farei a assinatura de apoiador. Um prazer conhecer o trabalho de vocês. Ansiosa pela primeira entrega! Só o tema da proposta é incrível. É uma oportunidade de democratizar saberes literários. E quando isto chega às pessoas que estão com expectativa da realidade de suas vidas limitadas, revoluciona, assim como ler livros emprestados revolucionou minha infância. ❤️ Posso enviar cartas também?! Enfim... Na torcida e divulgarei o que puder. Se conseguirmos mais um assinante, ficarei feliz em ter contribuído um pouco mais para a difusão desse projeto incrível.

### COPA DO MUNDO

**Douglas Laurindo** Magnífica a capa da edição especial de novembro.

**José Amaral Neto** Nada supera a força do papel impresso. Parabéns, equipe do Jornal.

**Rômulo Cardoso** Ficou muito legal ❤️

**Carol Fayad** Uma honra poder ter meu nome impresso nas páginas do **RelevO** 😊

**Portal Fazia Poesia** Falaram aqui nos bastidores que o melhor anúncio da edição da Copa está na página da Bélgica. Ansiosos pra ver se isso é verdade ❤️ Edição foda, diga-se de passagem. FP NA COPA... do jornal **RelevO**! Em dia de abertura da Copa do Mundo, passamos para compartilhar com vocês que a edição especial de novembro do **RelevO**, com 40 páginas, é inteiramente dedicada à literatura dos 32 países que integram o maior evento monoesportivo do mundo. E lá estamos nós com mais um anúncio. Dessa vez, na página da Bélgica, país que está sendo representado pela escritora Miriam Van hee, uma das

poetas vivas mais traduzidas de Flandres. No nosso anúncio, apesar do tom irônico e engraçadinho, deixamos aqui o aviso de que também são bem-vindas as pessoas que sabem o que são aqueles termos futebolísticos, mas provavelmente não serão esses os assuntos que vamos ter durante as conversas, rs. A edição conta com tiragem de 8 mil exemplares e terá distribuição nas embaixadas, federações esportivas e consulados. Se você ainda não assina o Jornal, tá moscando. Por apenas R\$ 70 ao ano, você recebe mensalmente um exemplar na sua querida residência. Vale a pena. Ah! E já sabe, né? A chamada para a equipe de poetas está aberta e as inscrições seguem até o dia 11 de dezembro. Você vem? Abraços poéticos.

### SOBRE ESCRITORES

**Márcia Arantes** “Todos sabemos que existem três certezas nessa vida: a morte, a ausência alta e o escritor frustrado por seu manuscrito recusado”. Mais uma segunda-feira no Jornal **RelevO**, cheia de gente amargurada porque sua genialidade não foi mamada pelos editores kkkkk Faz tempo que eu não apareço aqui para panfletar o melhor jornaleco literário do país. Grande falha minha; privei vocês de acompanhar o chororô, nas últimas edições, dos autores que têm seus textos recusados, e a consequente necessidade de amarrarem seus egos frágeis e inflados em um pedestal para não saírem voando pelo mundo igual o Padre Adelir, tadinho. Juro que, quando entrei para a rodinha de escritores, tentei me importar e vender uma ideia de que o que escrevo é relevante (hehehe), disruptivo e os caralho, mas isso não se sustentou por muito tempo porque eu sou uma escritora ruim — fazer o quê? Aí, taquei o fodase e me vendo, mal e porcamente, como alguém que produz uma bagaceira a cada ano bissexto, e é isso. Veja bem, não acho que eu seja melhor/mais elevada/iluminada/consciente/biscoiteira por pensar assim. O problema é que eu fico observando a agressividade-passiva e as indiretas de geral se digladiando por um lugar ao sol, e a única coisa que consigo pensar é em suruba. Pra quê, sabe? Por que a gente fica querendo masturbação de ego quando todos poderíamos nos juntar em grupos de seis a oito pessoas para alugar uns cativéis e fazer várias surubas antes de bater perna nas bienais da vida no dia seguinte? Não me fale de suas dificuldades e fragilidades no meio da escrita. Não me mande nude da alma, mande da piroca e das teta, mesmo. A paz mundial no universo da escrita criativa e a integração entre as mais diversas tribos de leitores se dará por meio dos surubões das bienais. Essa é a minha opinião sobre o assunto. E assine o Jornal. Eles estão com problemas financeiros, temos que ajudar a resolver isso para poder colocar o editor nas surubas, vai vendo. (Eu tô brincando. Se eu receber foto de pinto na minha DM, vou bloquear e expor — bem, há uma exceção que não vou explicar, e se você tá achando que é você, saiba que provavelmente não é. Teta pode).

**Jessica Garcia Paula** Adorei. É o que eu sempre falo: em vez dos escritores se unirem, eles inflam seus egos e se acham o máximo. Você faz divulgação do coleguinha e o coleguinha não faz o mesmo e por aí vai... Depois vem de chororô que é

difícil ser autor no BR. Se o povo se unisse e parasse de reclamar da vida, tudo seria mais fácil, mas, enfim, o ego insuflado é mais importante que deixar de ser cego. Por esse motivo que quem é book influencer e escritor acaba desanimando de continuar divulgando o trabalho da galera, porque, infelizmente, a cada 20 divulgados, um coloca a mão na consciência e paga na mesma moedinha. Depois a galera literária fica injuriada de ter que pagar por mkt literário, diz que “se a pessoa ama o que faz, faz de graça”... Oxe: mas até relógio precisa de pilha.

**Gabriela Rodrigues** Que que eu tava fazendo que achei que em Curitiba só tinha bolsominion, vendedor de alfajor e o Oilman? Quase deu orgulho de morar aqui agora.

**Tauane Fracarolli** Essa semana chegou por aqui a edição de setembro do **RelevO** e, parando pra fazer as contas, esse mês fez três anos da companhia do jornaleco (2020-2022). Um total de 25 edições por aqui! Já entrou pra família ❤️ Pra comemorar esses anos todinhos (que passaram feito vulto), trouxe aqui pra vocês alguns motivos pra assinar o jornal:

1. O **RelevO** é um periódico independente de Curitiba especializado em literatura, sobretudo a contemporânea. Um dos raros sobreviventes do impresso, relíquia para nós, dinossauros pré-históricos e amantes do bom e velho jornal de papel.

2. Tem a mais fina seleção de críticas literárias, poemas, contos, quadrinhos, ilustrações, artigos, ensaios, etc. Além de apoiar e divulgar poetas e autores nacionais contemporâneos dos mais variados estilos (e todos devidamente remunerados!).

3. Uma dose de humor ácido e uma pitada de ironia nas suas manhãs de domingo (ou qualquer outro dia que preferir).

4. Tem as capas mais excêntricas (no bom sentido da palavra... ou não) e conta com a melhor e mais transparente seção de assinantes, que te rende as melhores risadas!

5. E o melhor: você pode assinar por apenas R\$70 ao ANO!

E aí, bora lá assinar o Jornal? [Isso não é um publiceditorial.]

**Luiz Felipe Caldarelli** Me sinto muito honrado em fazer parte da história do **RelevO**. Foi inspirador acompanhar o projeto Copa do Mundo desde a ideia até a materialização.

**Rubervam Du Nascimento** Tô no aguardo do meu exemplar de novembro. Força, pessoal, muita força. Mais do que nunca precisamos manter vivas as palavras trazidas pelo Jornal.

**Melissa Buratto Schaikoski** Precisamos pensar em alternativas pra vocês não passarem tanto aperto! Vida longa ao **RelevO** ❤️ A propósito, sigo recebendo os exemplares no endereço antigo! Dão uma olhadinha nisso pra mim pfv?! Gracias!

**Marcos Cestari** Preciso começar a ser mais participativo, pois eu AMO esse JORNAL!

**Thássio Ferreira** “Macarrão e muita coisa” & “Pedro Nildo Rocha” na edição de outubro do Jornal já valeram a assinatura anual.

## EDITORIAL

### 2023: logo ali



Linhas  
linhas sempre ténues  
entre uma e outra coisa  
tudo infinitamente  
divisível e multiplicável  
estradas não começam nem  
terminam  
países não entram  
não saem  
distinguir:  
passado presente futuro  
para que servem as vírgulas  
são essas linhas  
sempre ténues  
cismas de tempo  
espaço  
a porta entreaberta  
(nem quarto nem corredor)  
que o caminhar destrói

Poema do livro *É verdade que tudo aquilo aconteceu num dia sem data*, de **Maria Catarina Gestinari**.

A obra foi publicada em abril de 2022 pela editora Urutau.

#### Para adquirir:

[www.editoraurutau.com/titulo/e-verdade-que-tudo-aquilo-aconteceu-num-dia-sem-data](http://www.editoraurutau.com/titulo/e-verdade-que-tudo-aquilo-aconteceu-num-dia-sem-data)

Chegamos à última edição de 2022. Neste ano de pós-pandemia, eleições e Copa do Mundo (e do primeiro Encontro Ufológico de Joinville), o **RelevO** continua imprimindo ininterruptamente, seguindo sua sina de ser de papel e de literatura desde setembro de 2010. Provavelmente, quando esta edição chegar às suas mãos, já saberemos que fim teve o Brasil na maior competição monoesportiva do planeta. Em novembro, para lembrar, fizemos uma edição especial com a literatura dos 32 países que disputam a Copa do Mundo. Não é segredo que gostamos muito de futebol e, em dezembro, nos aproveitamos das analogias esportivas para refletir sobre os últimos 12 meses.

Se o Jornal fosse uma seleção, seria, quem sabe, o Irã – organizado e aplicado, mas limitado e distante de uma grande liga? Temos uma equipe de apenas seis pessoas. Ou então a Croácia, com um futebol equilibrado e rompantes técnicos, mas com poucos recursos humanos para dar aquele passo adiante e se tornar grande? Temos, como fonte de renda, apenas assinantes e anunciantes privados. Seria alguma seleção que não foi pra Copa? Nunca nos sentamos nas principais mesas do meio literário.

2022 foi um ano desafiador sob muitos aspectos, com aumento de 23% de custos operacionais em uma ponta, diminuição do nosso corpo de assinantes em 15% em outra ponta e aprimoramento da nossa comunicação interna, com a circular, a Enclave e a Latitudes unidas em uma única base de controle (Substack). Conseguimos, enfim, centralizar toda a nossa produção de conteúdo digital, ajustar questões estruturais tão importantes quanto entediadas do nosso site e deixar cada vez mais evidente as vantagens de alguém nos assinar por apenas 70 reais ao ano.

Buscamos convencer nossos novos e velhos assinantes pelo trabalho contínuo em prol do que consideramos o melhor da literatura brasileira contemporânea. Não conseguimos competir em preço, mas nos esforçamos editorialmente – e não devemos favores. Somos uma defesa forte que busca aproveitar suas poucas chances de gol. Se subirmos demais ao ataque, seremos amassados. Assim, crescemos lentamente, adaptando-nos às intempéries naturais da vida. Estamos distantes das maiores competições do planeta, mas sobreviveremos até a festa de encerramento.

Uma boa leitura a todos.

## APOIADORES



@solteoverbo.linguas



## OMBUDSMAN

Nuno Rau

### OMBUDSMAN NA PISTA PRA NEGÓCIO [ou: o fim pode não ser o fim]

A realidade é dura, car\_s leitor\_s, e eis que me encontrarei, depois do fechamento da presente edição, demitido de minha tão amada função de ombudsman do **RelevO**. E não me adianta vociferar contra os editores, brandir com virulência frases de efeito sobre as cruéis leis de mercado, a insensibilidade do capitalismo neoliberal: nada disso seria verdade. Eis que me encontro demitido porque essa é a beleza da função de ombudsman no RelevO: ela é rotativa, e no mês que vem outra cabeça virá dialogar com as páginas do jornal, suas qualidades, eventuais fragilidades, idiocrasias, bem como com a voz de leitor\_s que, pela natureza da mensagem, reclamam (e merecem) diálogo. As linhas acima, com certo quê dramático, são apenas pra ressaltar o gosto com que desempenhei essa função, aderindo ao projeto editorial com amor, e tendo percebido mais ainda, de dentro, a sua inteireza, seu compromisso, sua ética.

No entanto, a função de ombudsman também implicou no diálogo com o presente: o texto da edição de novembro foi escrito sob uma atmosfera carregada de angústia, às vésperas do segundo turno das eleições mais dramaticamente decisivas desde a redemocratização, todos nós atravessados por certo desespero diante do claro avanço do fascismo sobre nossas instituições, com apoio do mercado e das classes médias, essas em que vamos imersos. Provisoriamente vencemos, uma vitória por menos votos do que se esperava, até porque, pelo que soube no contato direto com diversos pontos de meu Rio de Janeiro — que continua lindo e selvagem —, o voto de cabresto foi ostensivamente remixado ao arripio dos tribunais eleitorais, e de modo tão competente, capilarizado, fragmentado, que nos faz entender o motivo da decepção do candidato fascista e dos milicianos mais próximos a ele: as estratégias espúrias por pouco não deram certo, e eles esperavam realmente ganhar. Não fosse o Nordeste, teriam logrado êxito.

Emergimos do outro lado do túnel nutrido grandes esperanças, e eis que escrevo esta última coluna sob o céu de Paraty, pedaço de território em que agora se movem escritor\_s, poetas, editor\_s, leitor\_s e outr\_s louc\_s de plantão em meio a muitos exemplares das classes médias que vêm espargir seu brilho fátuo e *fake*, edulcorado pelo que capturam por osmose ao discurso da propaganda, enquanto provavelmente sentem um frisson percorrendo a espinha toda vez que os telejornais ou outros veículos mencionam a palavra “mercado”, posto que seus prazeres são profundamente integrados a ele, chegando a emular suas

leis mesmo quando não haveria motivo razoável para que isso ocorresse. O pior: esse quadro inclui as parcelas há bem pouco tempo despauverizadas. As classes médias são um fenômeno complexo. Sempre que penso nelas me lembro, entre o riso e a tristeza, de uma reunião entre o centro acadêmico e a direção do IFCS — Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, onde puxei algumas disciplinas, por interesse pessoal (meu curso era Arquitetura), no começo dos anos 1980. No embate político que se dava, a imagem que um amigo empregou para representar os corpos discente e docente do IFCS foi simplesmente genial, pelo poder de síntese de sua metáfora, pelo aspecto inusitado e escatológico, alcançando grande impacto por força do choque (estamos falando de um momento em que a ditadura civil-militar ainda vigia, por mais que estertorasse), e para mim sempre representou também uma imagem fiel das classes médias, onde quer que elas vivam. Nas palavras dele, que tento escavar na memória, “nós somos como aquela parte da merda que, quando bate na água do fundo, espirra e se gruda pelo meio do vaso, e aí ficamos contentes de não estarmos no fundo, mas quando derem a descarga, nosso destino é o mesmo”. Este é o sentimento que guia as classes médias, e faz com que sejam aderentes aos fascismos de toda cepa, e é dessa parcela da sociedade que saem os intelectuais que, em percentual não desprezível — utilizando aqui a terminologia de Gramsci —, agem como prepostos do grupo dominante, comprometidos que estão em garantir que a visão de mundo e as práticas sociais do povo estivessem afinadas com o desenvolvimento da estrutura econômica daquele grupo. Foram intelectuais dessa espécie que emitiram, quase em uníssono, a frase “o mercado reagiu negativamente” quando Lula reafirmou seu maior compromisso de campanha que acabar com a fome é mais importante que respeitar o teto de gastos (que deveria ser entendido como teto de investimentos no bem-estar social). Para combater esse estado de coisas, temos outros intelectuais, dos quais Chico Science fez outra brilhante síntese: “E com o bucho mais cheio comecei a pensar/ Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar”. Desorganizar a visão de mundo dominante, desorganizar as bases do capitalismo, que, em sua forma mais estrita, recende a fascismo.

A última edição é toda dedicada à Copa, ao futebol, à literatura dos países que estão na competição, e já vamos quase pela metade do texto sem nada falar sobre a relação entre a pelota e a pena. Pois aqui vamos, então,

auxiliados por Pasolini, que, em texto descoberto por meio do livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik, fala do futebol como algo que oscila entre a poesia e a prosa. Pasolini acabara de ver o mundial de 1970, e estabeleceu uma relação entre o futebol-prosa da seleção italiana (alheio ao drible por preferir a “prosa coletiva” da construção da jogada ensaiada, o gol nasceria como a conclusão de um raciocínio tornado visível pela organização coletiva), e o futebol-poesia do escrete brasileiro (o drible, o toque de efeito, a alegria gratuita). Na verdade, levei o equivalente a duas odisséias (em tempo, sem dúvida, e parcialmente em atribuições) até começar a ver o futebol sem preconceito. Não estou muito mal acompanhado, tenho a meu lado Lima Barreto, “que viu na adoção do esporte inglês no Brasil a degradação da cultura intelectual, a afirmação de um poder tiranizador e truculento, e uma sobre carga racista que a abolição havia atenuado”, como nos relata Wisnik. Se o velho Lima não estava completamente equivocando, também não acertou em cheio, porque não supôs o que nossa permanente vocação antropófaga faria com o esporte bretão nos campinhos de várzea, de onde surgiram deuses como Didi “Folha Seca”, Garrincha, Tostão, Pelé e talvez o jovem Richarlison, de quem sei pouco mais do que ter vindo do Espírito Santo, e demonstrar uma ética bastante precisa sobre questões sociais. Na contracorrente da visão do futebol que levei anos pra construir, como uma realidade mais complexa e não redutível ao bordão “esporte-alienação”, a percepção de que o mercado (sempre o mercado) atua como um vírus se combinando com as entranhas do esporte, catapultando meninos despreparados ao patamar de milionários em geral deslumbrados que não têm nada a oferecer como modelos para meninos do futuro além da habilidade de seus corpos em campo — não falo aqui do futebol das mulheres porque segue, ainda, outras lógicas, espelho que é das estruturas da sociedade: mulheres executam as mesmas funções ganhando menos, e com menos visibilidade, mesmo apresentando, não raro, maior profissionalismo, desempenho, dedicação, talento.

Como nada é simples, o futebol é também um campo privilegiado de observação do social, reproduz suas grandezas, suas mazelas, as paixões, exclusões, e na literatura, assim como na canção popular, no cinema, nas telenovelas, e em todas as demais manifestações da arte e da indústria cultural, funciona como motor de obras fundamentais — o painel traçado por RelevO é um testemunho disso. Entre os 32 textos selecionados para a edição de novembro, alguns

são a representação da complexidade que se move sobre o idioma de cada povo, e a espessura com que certos poemas e trechos de prosa capturam esses movimentos complexos sob os códigos da linguagem nos atinge como um dardo. Os poemas de Elke Erb, Ghazi Al-Gosaibi, Kim Chun-Soo, Akiko Yosano, Irit Amiel, sem falar no poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, sua permanente investigação sobre o mar e a alma humana, e nos versos de Dylan Thomas, sobre seu/nosso ofício ou arte amarga, essa que nos traz aqui para indagar nos versos de tantos lugares do mundo a forma de nosso rosto.

Ao longo desses 12 meses penso não ter feito outra coisa senão perscrutar o que de nosso rosto fragmentário estava posto em cada página do RelevO, o quanto de nossa seiva comum percorria as fibras de celulose das páginas do jornal, imantadas pela tinta negra. O desenho desse rosto será cada vez mais importante como guia para fora do labirinto para onde nos vimos conduzidos, um pouco anestesiados que estávamos, talvez inebriados com as conquistas do campo progressista, parcas ainda, mas conquistas, relativas, mas conquistas, incompletas, mas conquistas distensionando relações, redimensionando estruturas, reelaborando percursos. Houve um lado positivo nesse habitat o labirinto: ao longo da dolorida estadia pudemos contemplar, ao menos parcialmente, a profundidade do abismo que existe quase em todo o entorno, como um fosso, e mesmo que ainda dentro dele conseguimos agora entrever a estreita passagem de volta, como um nada fácil contorno que teremos que cumprir até retomar o empuxo anterior, agora com certeza — sim, esperemos isso — com um sólido princípio de realidade. Queria deixar nessas palavras finais uma provocação aos editores do RelevO, e também a editor\_s de todas os veículos de literatura, a escritor\_s, poetas, leitor\_s: que ações concretas podemos fazer, com ou sem apoio do Estado, para nos afastarmos cada vez mais do labirinto e do abismo que é seu entorno imediato? De que modos podemos sair em campo, mais ainda que antes, com mais força, mais assertividade, mais atenção e fúria, para fazer da literatura um instrumento ainda mais concreto e efetivo de transformação social, sulcando mais fundo a realidade desse presente conturbado?

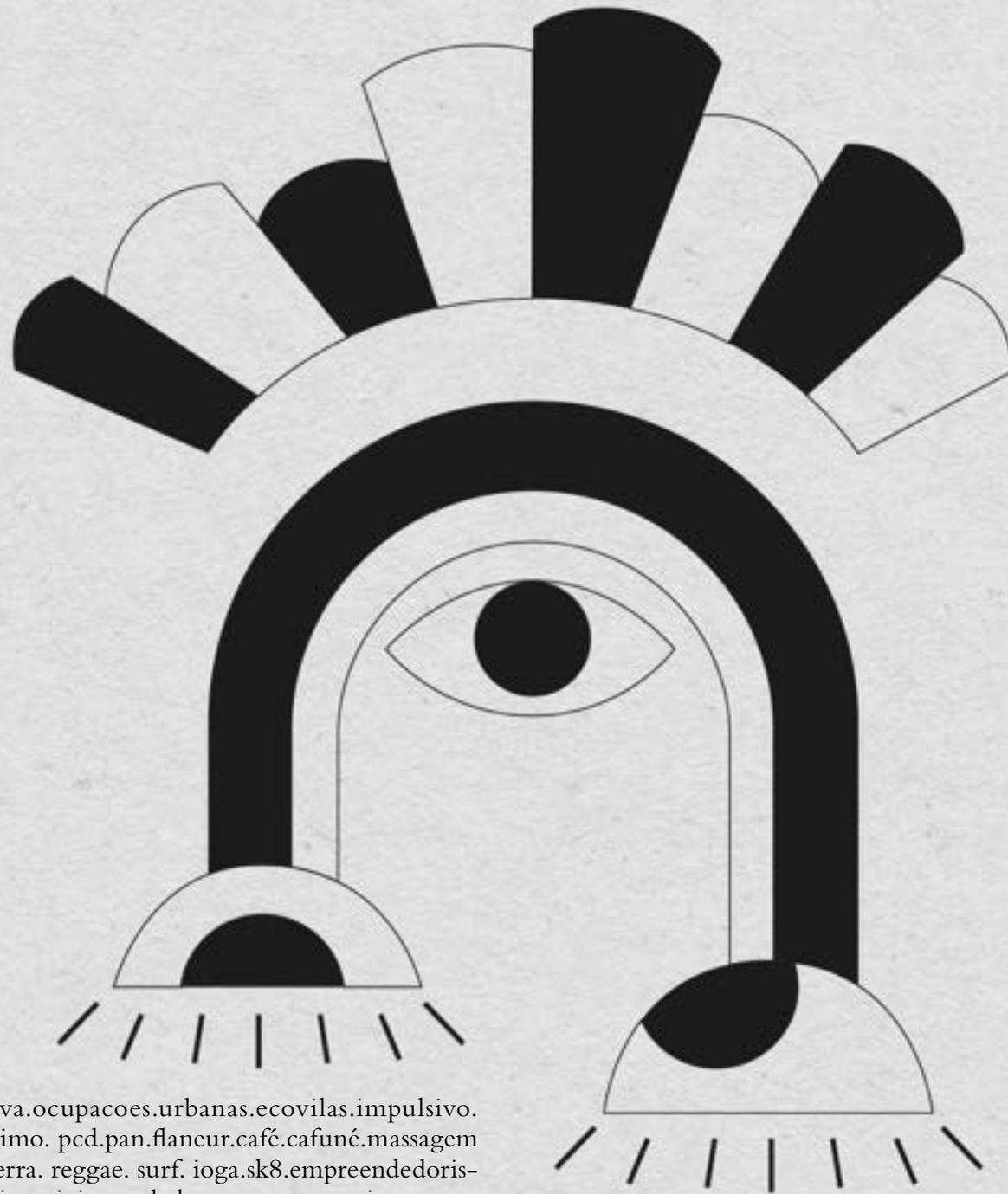
Por fim, meu muito obrigado aos editores do Jornal pela parceria incondicional, a tod\_s\_s leitor\_s pela interação possível, e que esta edição, que vocês têm em mãos agora, seja um sinal do novo tempo que devemos fazer com nossos corações, nossas mentes, nossas mãos, nossos corpos.

# 36 BIOGRAFIAS ENCONTRADAS EM APLICATIVOS DE WEBNAMORO

Yuri Araújo

36 biografias coletadas ao longo de alguns anos de imersão netnográfica. Em alguns casos, a grafia original foi mantida, em outros não. Identidades foram preservadas. Os critérios de seleção se pautaram pela relevância moral (descrições virtuosas), sociológica (descrições frequentes ou representativas) ou libidinal. Descrições pseudofilosóficas, originais, esteticamente ornamentadas ou que apenas refletem a grandiosidade ou a estupidez humana também foram contempladas. Com exceção da última biografia, o autor não se responsabiliza quanto à viabilidade de reproduzir tais frases em contexto de webnamoro ou de guerrilha amorosa.

1. “Eu só estou aqui porque a Rita Lee não quis me pegar.”
2. “Bebendo de canudinho o amor líquido.”
3. “Sei dobrar lençol com elástico.”
4. “A primeira melhor invenção do mundo foi a roda. A segunda foi a fofoca. E a terceira foi a roda de fofoca.”
5. “Não procuro nada sério, só um marido.”
6. “Eu tô aqui pra jogar conversa dentro.” (Anelis Assumpção, em *Cê Tá com Tempo?*)
7. “Um pessimista motivado.”
8. “Não entra na minha vida se não for pra ser inesquecível”
9. “Sou mil em uma... linda? Louca, assustada, louca intensa, carismática, divertida, falante, matemática básica, extrovertida, sexy?, elegante, bom gosto musical, gosto inteligente, complicada e inesquecível porque eu não sei, completamente louca, louca e louca pelos meus amigos e extremamente carinhosa e simpática com todos que tiverem a oportunidade de beijar minha boca. Isso é tudo. Deve ser o céu que eles pedem.”
10. “Ex-jovem pseudogótico falador de bobagem.”
11. “Usando o LinkedIn pra paquerar e o Tinder pra arrumar emprego.”
12. “Será que quando as borboletas estão apaixonadas elas sentem humanos nas suas barrigas?”
13. “Você não vai encontrar uma citação bonita nessa bio.”
14. “Menos gourmet e mais anal.”
15. “A vida é como um livro. Cada dia uma página nova. Cada hora uma vírgula. Mas nem o lápis pode escrever o futuro nem a borracha apagar o passado. E chega um momento em que Deus nos tira o lápis e escreve o \*FIM\*. Solteira, 23 anos e 1,67 de altura.”
16. “Mariposa apaixonada.”
17. “Big dream. Little dick. 🍆”
18. “Por que ninguém conversa nesse aplicativo?”
19. “Toca Maria Bethânia pra ela, mostra que tu é intenso” (citação de um diálogo do filme *Aquarius*, 2016, Kleber Mendonça)
20. “Kasito Gomes, Kazito Gomes, Casito Gomes, Cazito Gomes, Paschoalzinho Gomes, Paschoal Gomes, kasante1000, Paschoal.Gomes, kasi-to.gomes em Belo Horizonte, Minas Gerais.”
21. “Era isso ou enviar a palavra amor para 48022.”
22. “Direita aqui só pra dar o like.”
23. “Tenho 13 anos, sou lésbica, mas prefiro homens.”
24. “Cada vez que minha foto é arrastada para a esquerda, matam um unicórnio do Himalaia. Arrastem minha foto pra direita e salve todos os unicórnios!! Esquerdista, terrabolista e vacinado.”
25. “Sou envolvido com: agiotagem, rinha de galo, jogo do bicho, cofundador bolsa-bingo, DayTrader (arrasta pro lado), clonagem de cartão, contrabando.”
26. “A profundidade é aquilo que mais desejamos, e também aquilo que mais tememos. Pra que excesso de tudo, se o que queremos é um vínculo profundo com a vida? O excesso é a busca por alívio, o verdadeiramente profundo, não precisa de alívio. Em outras palavras, falo de conexão. Talvez assim seja possível explicar que não há como me conhecer de verdade sem dedicação. E a dedicação não é medida de tempo, mas do pulsar do coração.”
27. “Se vc é branco, grande e cheinho vem nimim. Um homem sem pança é um homem sem história. Sou conservadora e caseira. Gosto de música clássica, amo jogos e animes mesmo tendo muito tempo que não jogo/assisto. Amo ficção científica e série de aliens e robôs.”
28. “‘Para os tristes mortais, os melhores dias da vida são sempre os que fogem primeiro.’ Filosofia: estoicismo. Valores: honestidade, frugalidade, curiosidade. Sobre o que me interessa (no momento): yoga, permacultura, agricultura biodinâmica, UX Design”



29. “Utopico.pratico.kombiativa.ocupacoes.urbanas.ecovilas.impulsivo.emotivo.compulsivo.risco maximo. pcd.pan.flaneur.café.cafuné.massagem no pé.amor livre. forro pé de serra. reggae. surf. ioga.sk8.empreededorismo.games.jogos de tabuleiro.trips.ativismo. de humanas. anarquismo. reevolução.corpo.mente.espirito.caos.23.fibonacci.geometria sagrada. povo da rua.axe.passaro vadio na corrente do riacho.”

30. “Feministas são da mesma forma que machistas impositores.. gosta de pessoas de mente aberta e livres de qualquer posição política!!! [número de telefone] chama!!! Tatuador em formação 😊😊. Moro em Juiz de fora-Mg. Se vir com papo de seguir no Instagram e não conversar.. eu excluo.. não sou baba-ovo por que vc é gostosa! Insta: [ @xxdsddsfj ]”

31. “Provavelmente meu maior talento é castanha-do-pará. Sim, eu só sei fazer piadas ruins. Além disso, gosto de jogar videogames, contar história, ler, escrever, cozinhar, comer e brincar com meu gato. Se quiser chamar mais pode me chamar, juro que sou legal, pelo menos foi o que o frentista do posto disse, mas, como ele fala em espanhol, eu não tenho certeza. Vou viajar no final do ano para a Indonésia. Por isso vou indo nessa (era só uma piada não vou viajar).”

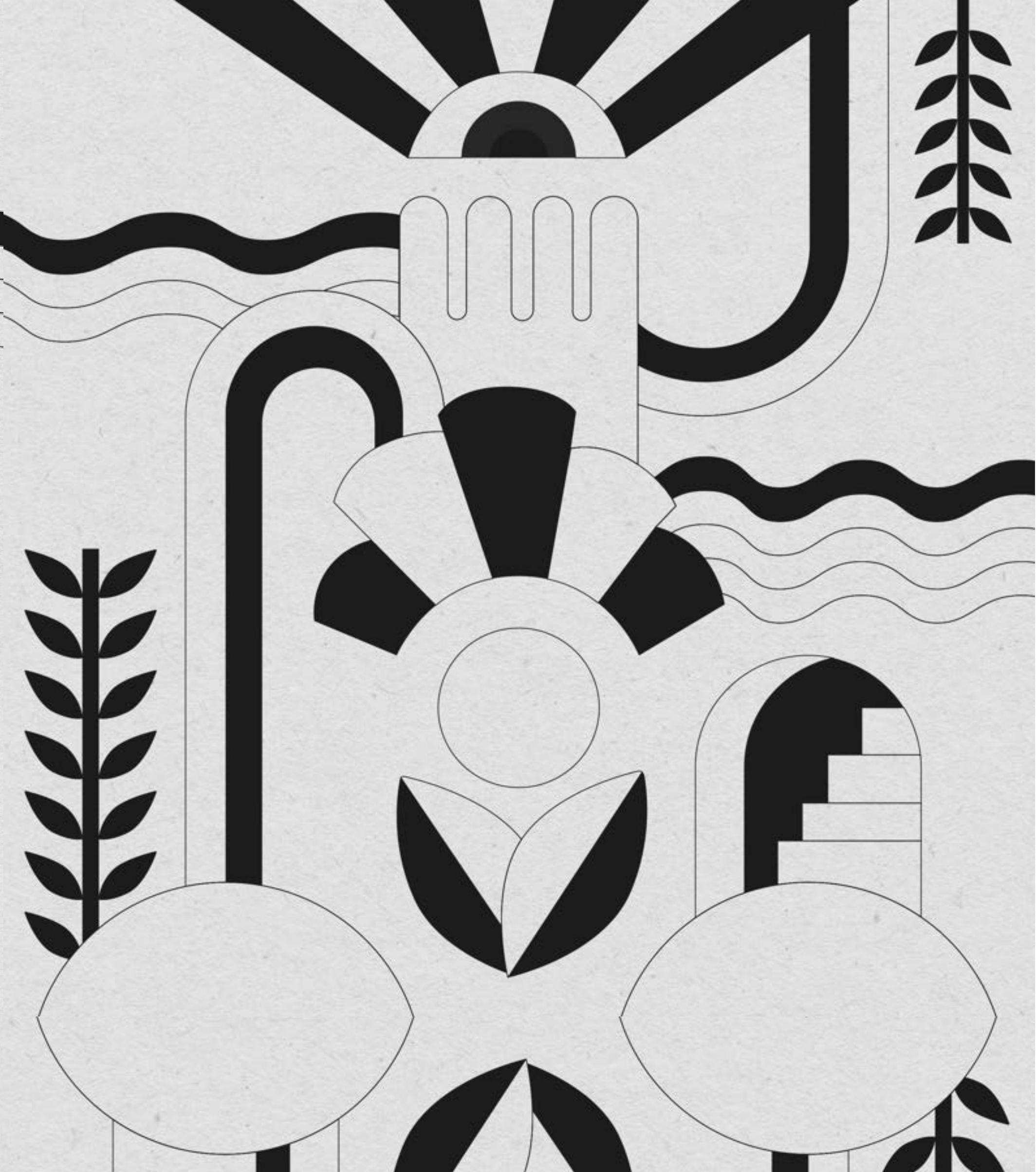
32. “Sou vegano, mas não concordo com as ideias de Marx.”

33. “artista que mexe com cinema, teatro e poesia. Nb (elu/ele). Pan. Não-mono. Cansade das conversa que não rende, porém querendo conhecer gente... arrancar assunto do suvaco pra começa a proza é complexo dms, mas as vzs da bom né...simbora”

34. “Ex-miss bumbum, atriz. Não vou falar que sou aquariana porque afasta geral. Sofrendo pelo governo. Se quer me ver bonita [ @xxxcksjf ], se quer me conhecer de verdade [ @kdjsffdsfhçglks ] (eu não sou ex-miss bumbum de verdade).”

35. “Trago o seu ex de volta em 3 dias 0800 kkk Todo mundo q fica comigo volta com ex muitos anos de experiência na área já kkkk”

36. “Eu vou te contar que você não me conhece. E eu tenho que gritar isso porque você está surdo e não me ouve. A sedução me escraviza a você. Ao fim de tudo você permanece comigo, mas preso ao que eu criei e não a mim. E quanto mais falo sobre a verdade inteira, um abismo maior nos separa. Você não tem um nome, eu tenho. Você é um rosto na multidão e eu sou o centro das atenções. Mas a mentira da aparência do que eu sou, e a mentira da aparência do que você é... porque eu, eu não sou o meu nome e você não é ninguém. O jogo perigoso que eu pratico aqui, ele busca chegar ao limite possível de aproximação, através da aceitação da distância e do reconhecimento dela. Entre eu e você existe a notícia que nos separa. Eu quero que você veja a mim. Eu me dispo da notícia e a minha nudez parada te denuncia e te espelha. Eu me delato. Tu me relatas. Eu nos acuso e confesso por nós. Assim me livro das palavras com as quais você me veste.” (Texto de Fauzi Arapi na voz de Maria Bethânia)



# A Linguíça Blumenau

Dédallo Neves

Eu sabia que ia chegar o momento em que precisaria pegar uma colher e raspar as tripas para tirar a carne grudada. Não dá para só apertar a linguíça de um jeito escroto que sai a carne como se fosse o animal: tá 40 pau o quilo. Sem contar a fome e o desrespeito que dizem ser desperdiçar comida. Concordo com a prática, discordo do conceito. O sujeitinho vai à igreja, é cristão e joga nas minhas costas a fome do mundo. Tem gente indo para o espaço para tirar uma pira.

Às vezes vai com tripa e tudo porque eu sou ansioso, guloso e sempre quando me sento à mesa é porque já empurrei a fome com a barriga do jeito que dava. Não é negócio de passar fome, é atrasar. Aí um buraco do tamanho da circunferência da Terra se abriu no meu estômago. Jogo tudo na mesa, jogo tudo no pão — cacete como como pão (dizem que farinha branca é batata, vai dar ruim lá na frente) —, meto na frigideira para dar um grau. Derrete o queijo, a manteiga, frita a linguíça do jeito que dá. É tanto animal morto na minha mesa: indústria do leite, da carne, dos porcos; às vezes me sinto mal. Gosto dos bichos. Mais de uns do que de outros. Fritar linguíça não fritava antes. Chegava com a fome de Júpiter, ia crua mesmo.

Uma vez meu pai me disse para eu parar com esse negócio de linguíça blumenau direto, que era porco cru e porco dá tênia, tá aí um bicho que eu não gosto e mataria com vontade: tênia! São tão amaldiçoados que periga ir para cabeça e na cabeça te deixar bem doido. O ditado teria que mudar para “cada louco com a sua tênia” se todo mundo se sentasse à mesa bem louco de fome.

Linguíça blumenau é de Pomerode. Blumenau tomou conta e vendeu para o mundo, matou o porco, prensou a carne. A dúvida é se é ou não carne crua. Se for já era para mim, devo ter uma colônia de tênias. Se eu encontrar alguma, mato sem pensar. Porque tripa, só rasgo da linguíça blumenau, mais pelos 40 reais o quilo do que pelas pessoas que passam fome. É que já tô com a mão toda engordurada, negócio é fazer direito. Raspar as tripas.

Gosto de no final dar uma mascada, é um chiclete velho e salgado com gosto de porco. Quando penso no leitãozinho me dá dó, mas quando tô mascando a linguíça não penso em porco, penso em linguíça. De contradições o mundo e o inferno tão cheios. No céu nem se fala, a começar com a existência de Deus, mas isso é Nietzsche demais, e não curto filosofia alemã. Só Marx. Da Alemanha só de rebote a linguíça blumenau de Pomerode vendida na padaria aqui de Curitiba. E para concluir: um chineque de banana, tira o sal e não dá sede de madrugada. A mão engordurada não adianta, demora a sair, precisa de muita redenção.



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações - corpóreas e de pensamento - do homem"

Amanda Vital,  
Poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "impermanentia" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da "distopia tropical", à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



Com poemas que se aproximam das experiências vividas pelas crianças, Valentina Gava Chakr explora as virtualidades da matéria verbal, apresentando textos criativos, originais e lúdicos, que buscam envolver o público infantil. Por meio de um olhar inaugural, proporciona novas perspectivas sobre situações do dia-a-dia dos pequenos cidadãos urbanos.

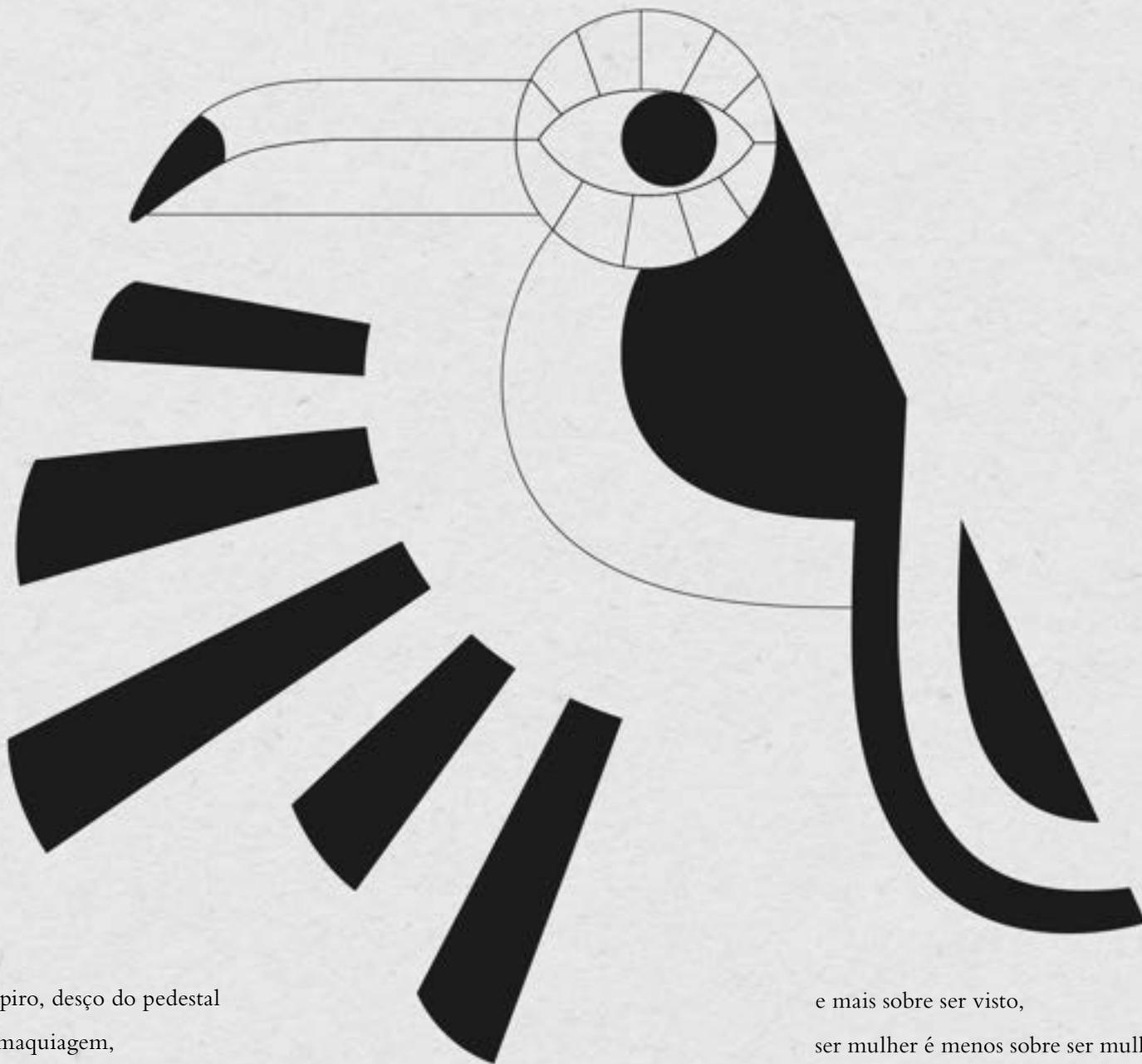
Valentina Gava Chakr nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. Mora em Porto Alegre desde 2004, onde é professora de pediatria da UFRGS.

[www.editoracassol.com](http://www.editoracassol.com)

R\$ 48,50

(51) 984760945  
vchakr@gmail.com

## Ana Vilalta


 U  
M  
A  
  
C  
O  
N  
V  
E  
R  
S  
A  
  
C  
O  
M  
  
M  
A  
R  
G  
A  
R  
E  
T  
  
A  
T  
W  
O  
O  
D

com um suspiro, desço do pedestal  
 para tirar a maquiagem,  
 de manhã, coloquei o cabelo atrás da orelha pensativa,  
 na hora do almoço, tomei suco com o mindinho levantado e uma postura descontraída,  
 é importante balancear opostos, te dá um ar de mistério,  
 de vejam como consigo me pendurar no trapézio  
 sem despencar,  
 sem borrar o batom ou estragar o delineado,  
 tenho certeza de que se meu estômago saísse pela boca seria num ato muito delicado.

hoje olhei apenas duas vezes para a câmera com um sorriso irônico,  
 tive poucos comentários,  
 mas de noite olhei para cima como quem pergunta a deus se ele também está gravando,  
 se ele me vê dormindo e babando,  
 se devemos fazer algo sobre isso,  
 se estou falhando,  
 aguardo a resposta num e-mail com cópia oculta ao voyeur que  
 me divide como pedaços de carne,  
 são seus olhos, são mesmo,  
 mas é uma questão de ser consumível,  
 às vezes, ler um livro em público é menos sobre o livro

e mais sobre ser visto,  
 ser mulher é menos sobre ser mulher e mais sobre o público,  
 você está me enxergando certo?  
 o meu cabelo estava bonito enquanto  
 eu me enrolava de dor no chão?  
 quando eu faço coisas idiotas,  
 você dá risada ou tampa o rosto com as mãos?  
 quando eu te olho nos seus grandes olhos invisíveis,  
 você sente vergonha ou uma onda de adrenalina?  
 eu sou eu ou uma criação  
 da sua, da minha, da nossa  
 fantasia masculina?

se deus me responder por e-mail,  
 perguntarei como é ser o último na hierarquia,  
 como é nunca ser observado,  
 como é existir sem vergonha  
 e medo de estar ocupando espaço  
 do jeito errado,  
 qual o melhor vestido para eu usar  
 quando for ao mercado.

# João Lucas Dusi

Trecho do romance *O diabo na rua* (2022), recém-lançado pela Rua do Sabão

Quem vê de fora vai dizer: está aí uma pessoa muito triste. Nem é isso. A arte do exagero deve ser colocada em prática em nome da excelência estilística. Desde que li *Extinção*, de Thomas Bernhard, faço uma literatura que não é de todo minha, ao mesmo tempo que não poderia representar mais o que sinto. O mito da autoria renderia páginas exaustivas, não é o objetivo. Se você acha que está criando algo novo com sua combinação de palavras, lamento. Quem se apega à originalidade sofre de uma patologia clínica chamada pela psicanálise futurista de Síndrome de Cervantes, e já conheci de perto uma pessoa assim — é cansativo, entediante, repetitivo, óbvio. Vamos desenvolver esse raciocínio adiante. A todos os protótipos de Miguel e viúvas de Shakespeare, sugiro que retomem a *Ilíada* e desistam de escrever. Vai ser melhor para todo mundo.

Quem vê de fora vai dizer: está aí uma pessoa triste — somente triste, não *muito* triste. Nem é isso. Acho que vivi exatamente a vida que gostaria de ter vivido. É estranho que eu tenha esse insistente peso no peito. É igualmente estranho que eu fale da vida como se ela já tivesse acabado. Às vezes sinto que sim, já acabou. Que com certeza. Talvez o cristianismo incutido na gente desde a infância tenha um potencial traumático muito maior do que imaginamos. Também não seja nada de mais, como se eu ficasse o dia inteiro remoendo minha trajetória tresloucada, chorando pelos cantos — às vezes, sim. É mais sobre uma melancolia persistente. Apesar de tudo, sempre que paro para pensar nas coisas que fiz, rio. Um riso contagiante, amarelado de cigarro. Porque fiz exatamente o que milhares de pessoas têm o desejo de fazer, mas vivem de rabo preso e tocando a vida com morna resignação. Chutei o pau da barraca, fiz escândalo. Quanto mais envelheço, mais tenho apreço pelas minhas escolhas de juventude. O dinheiro pode acabar, e aliás já acabou, mas as experiências permanecem pulsantes. As lembranças reluzem.

Quem vê de fora vai dizer: está aí uma pessoa realizada, segundo seus próprios parâmetros. Também não é isso. Muita calma. Desde que me entendo por gente, o que aconteceu por volta de meus 12 anos, não lembro de ter conhecido alguém mais miserável do que eu. Em todos os sentidos. Alguém muito hábil no jogo da vida, que acabou por conquistar tudo que sonhava em relação às letras, mas jamais deixou de se sentir péssimo em seu íntimo. Que soube representar uma arrogância e uma segurança que não lhe pertenciam de modo algum. Alguém que se tornou maduro, no sentido mais patético da palavra que remete a ser uma pessoa responsável dentro do grande moedor de carne chamado sociedade, mas não poderia estar mais longe de se sentir bem. Alguém que se sentiu incomodado do momento que acordou até a hora de dormir, todos os dias, necessariamente dopado por anos de cachaça e drogas e por mais outros de remédios controlados; mas sorriu, e produziu, e fez da angústia sua valiosa moeda de troca secreta.

Jamais perdi tempo. Tudo que fiz levei muito a sério. Uma seriedade escandalosa. Quando bebi, bebi igual a um filho da puta. Quando chegou a cocaína, cheirei como se não houvesse o amanhã. Quando decidi pela sobriedade, virei um neurótico. Muito mais doente do que era antes, não tenho a menor dúvida. Nenhuma. Nunca gostei de maconha, coisa de retardado. Odiei todos os segundos de sobriedade, mas levei a sério. Fiz o que era necessário no momento. Porque é minha natureza. Não tenho tempo nenhum para as palhaçadas do seu mundo floreado, para gente que fala, mas não faz, só ameaça, elabora milhões de planos e nunca sai do lugar — progressistas de sofá, bradando contra o sistema atrás de pequenas telas, satisfeitos com a leitura de artigos e ensaios utópicos, às vezes nem isso, um palavreado vazio e inútil, todos assustados com o que existe para além de suas confortáveis bolhas pretensamente anarquistas. Não movem uma palha, exigem revolução.

Quem já desejou seriamente a morte percebe que, ao optar pela vida, é preciso sustentar uma altivez desmedida. É preciso agir, sem tempo para a autopiedade. Essa minha raiva rascante vem daí. Tudo me é intolerável, menos o ódio pela existência. Existo para odiar essa condição. Comprei o peixe estrangeiro de Camus, cuspi na postura midiática de Sartre. Pratico a ojeriza por meio da escrita, esse passatempo de pessoas ruins. Tudo que é da ordem da perversão me agrada. E nem tente me dizer que é um trabalho, isso de escrever. Se você já serviu mesas e foi humilhado por clientes em restaurantes chiques enquanto exercia seu ofício com uma tristeza inacreditável, jamais terá a coragem, a pachorra, o despudor, de dizer que escrever é um trabalho. Você argumenta que são propostas diferentes, que todos têm o seu devido valor, e eu te mando tomar no cu, por favor — quase com carinho. De qualquer forma, foi essa atividade de bunda-mole que me deu um estilo de vida alternativo, me permitiu abrir mão de todas as bostas burocráticas — absolutamente insuportáveis — do mundo de vocês — bater ponto, responder a coordenadores, chefes, atender público, falar no telefone, interagir com gente em geral. Depois de me tornar um autor premiado e traduzido em dezenas de países, com a conta bancária polpuda para meus propósitos modestos, nunca mais olhei na cara de ninguém. É o que sempre sonhei em fazer, e realizei. Espumei pela boca em todas as entrevistas, apareci bêbado em dezenas de debates literários em grandes festas bancadas por controladores gordos — ou gostaria muito de ter feito essas coisas. Mijei na mesa. Mijei na cama, também, várias vezes. Abandonei todo mundo que me era próximo. Apunhalei amigos pelas costas. Mais louco que o Diabo, sempre, exatamente como precisava ser.





# Se eu cozinho, todo mundo com Michel Lãmb, o chef r

*Em um exercício gastronômico fundamental, o RelevO perscruta – sem trocar fluidos – a intimidade de um dos profissionais mais polêmicos da cozinha contemporânea*



“Minha comida é um soco no estômago”, apresenta-se Michel Lãmb, 41, literalmente com essas palavras, sem nada dizer antes nem depois, enquanto segura uma bandeja e oferece ao editor do RelevO o que parece ser um *dumpling* tipicamente asiático. “Por favor”, ele convida, sem desviar o olhar. Assim que o editor retira o bolinho, Lãmb lhe desfere um potente gancho no umbigo. “Jumento, o que você esperava?”. O *dumpling* cai no chão. “Não pega, acabei de passar veneno de rato aí”. Uma pausa. Lãmb fita rapidamente o horizonte. “Na verdade, isso me deu uma ideia”. Ele recolhe o bolinho do chão e o leva à cozinha, onde permanece por mais duas horas.

\*\*\*

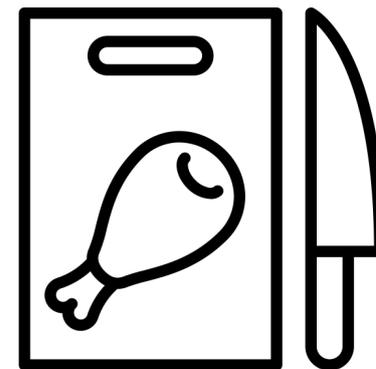
Diante do planejamento alimentar para as festividades tradicionais de fim de ano, como Natal, Ano Novo e happy hour com amante, não há nada (nada) mais urgente que entender a trajetória de Wesley Michael Lopes, o Michel Lãmb — “o B é mudo” —, chef brasileiro de origem catarinense. Com um sobrenome que ele mesmo se presenteou, com uma pronúncia que ele mesmo definiu, mas, principalmente, com uma caralhada de seguidores em todas essas redes sociais que o filho abraça e o pai estraga, Michel tem duas grandes novidades.

A primeira: ele será o único jurado da edição inaugural do MasterCreep. “Olha, basicamente, o MasterCreep vai ser um Masterchef com ingredientes não convencionais direcionado à geração Z. E não basicamente também, porque não passa disso”, contextualiza o produtor Rico “Young” Felaccio. Entre tais ingredientes, constam terrorismo – psicológico e, se o orçamento permitir, literal, com um intercâmbio gastrobélico programado para Belarus – e itens que o ser humano só ingere quando desafiado por dinheiro. Mas o programa é a ponta do iceberg, o glacê na massa do chef mais quente do Sul do mundo. Ninguém *choca* mais que Michel Lãmb, o grande nome do MasterCreep.

A segunda grande notícia é a inauguração de seu mais novo restaurante no coração da Vila Olímpia, bairro nobre de São Paulo-SP. O Catahô abrirá as portas em janeiro, com menu todo baseado num intercâmbio fictício pela Ásia e na adaptação cinematográfica de um livro que não existe. O espaço terá uma sala coberta de areia (chamado “praia”) e toda a decoração reutilizará objetos largados na rua, sem qualquer tipo de limpeza. O maître venderá crack. “Cara, é São Paulo: mais fácil que tirar doce de... paulistano”, comenta Lãmb. As reservas estão esgotadas para os primeiros três meses. “Mas não teremos cardápio com QR Code porque também não sou nenhum tremendo fdp”, esclarece. “O que não me impede de escrever os pratos nos corpos dos funcionários. Ou impede? Não sei, vou ver com o Ed [advogado]”.

Mas de onde vem esse ímpeto? Qual foi a virada de chave dessa personalidade tão marcante? Em que momento o pequeno Wesley se tornou o cozinheiro mais cortejado e com o manjar de placenta mais admirado do Brasil?

# do... reflete? Conversamos mais requisitado do Brasil



## ANTIPASTI

As três biografias muito autorizadas de Michel Lãmb, todas publicadas em 2022 – *Michel: nasce um cinco estrelas*, *Precisamos falar sobre Michel Lãmb* e *Michelzinho: comer, rezar, medir a pressão arterial* –, são unânimes em relação aos grandes interesses do chef reconhecido por cuspir no prato e comer de acordo com a tradição local: morte, comida e sexo. Aliás, o polêmico *Nasce um cinco estrelas* teve os direitos comprados pela Netflix em julho. Na cinebiografia, Michel descreve sua peculiar relação com Vicky, labradora de estimação com paladar aguçado e principal referência do chef em pratos agridoces, o que tem incomodado a Anvisa e o Ibama ao mesmo tempo. “Inveja é assim mesmo”, ele resume.

Os bastidores da produção já alimentaram muito os sites especializados de cinema, sobretudo pelos diversos surtos de Lãmb por conta da interpretação considerada insossa de Gerard Depardieu. Segundo o chef catarinense, o ator seria incapaz de comer ostras no grau certo de representação. “Gringo burro sefardita”, teria dito em um acesso pós-ovo de codorna com queijo brulêe. A declaração gerou revolta da comunidade judaica, mas agradou aos franceses. “Ele tem essa coisa meio *enfant terrible* que respeitamos”, comentou à reportagem o chef-celebridade Mark Pietro Blanche.

A tríade morte, comida e sexo, que sobrevive (ou não, a depender das relações dos governos com religiões menos abertas às potencialidades da gastronomia) há milênios no imaginário popular, levou o humilde cidadão de Batidão das Antas – município localizado entre a Praia dos Ingleses e BC Beach – à lista de 100 pessoas mais influentes da Forbes, sobretudo por eventos ora bem-sucedidos, ora apenas intrigantes, como o Grande Open Bar de Cu e Torta Napolitana e a não menos esquecível montagem gastronômica de *Morte em Veneza*, intitulada *Morte e Ensopado de Jacaré em Veneza*. Fato é que Michel atrai, traz gente.

A grande virada de chave veio com o hoje consagrado restaurante Às Moscas, onde o chef, entre outras liberdades conceituais, literalmente tempera merda. “O pessoal queria pagar para ver; aí pagava para comer; de repente pagava para escrever, tirar foto, divulgar”. “E todo mundo pergunta: ‘tá, mas falando sério, o que é isso aí que você serviu?’, e eu sempre respondo ‘é merda mesmo, cara’, e aí o cliente se debulha em risadas porque acha que eu faria uma piada tão óbvia. E eu nunca disse outra coisa: é merda mesmo, simplesmente. Eu só sou um cozinheiro do c\*\*\*lho mesmo, f\*\*\*do, primeira prateleira desse planeta”.

Lãmb sempre desafiou a crítica especializada. Em uma de suas ações, antes de abrir o Às Moscas, 73 influencers receberam um pacote de bolo escrito “estrume” em neón. Dentro do pacote, estrume mesmo. “Mas dos melhores nelores da Argentina”, defende-se Michel. “Flopado falou tudo foi grandão sem medo crush hitei”, alega Gabi Barbecue.

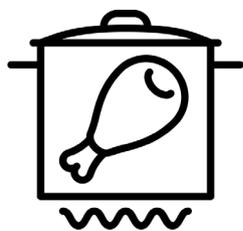
## À MODA DE NAPOLEÃO QUANDO PERDEU A GUERRA

A ascensão meteórica de Michel a partir d’As Moscas o levou a desbravar áreas e substâncias novas. Convidado de honra da São Paulo Fashion Week 2022, o chef ousou ir ao evento com um vestido de carne – muito similar àquele consagrado por uma cantora cansativa, porém grelhado em seu restaurante e com tempero napolitano. O tempero é outra de suas pequenas fixações, tão questionadas como seu uso de chiclete de avocado em pratos afrodisíacos e as suspeitas de extorsão no núcleo familiar a partir de recados ofensivos no interior de pães-de-ló.

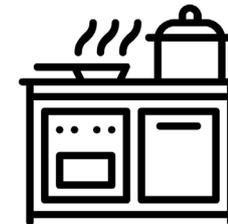
“Ir vestido de carne não foi um gesto contra veganos. Nem a favor, é verdade”, reconhece Lãmb. “Simplesmente tinha três quilos de filé fiorentino vencendo na geladeira. Aliás, não quero me envolver mais com polêmicas. Não votei na última eleição porque estava fora do Brasil, na loja da Nespresso da Oscar Freire. Eu sou todos e todos são eu”, assevera. “O importante é que, na minha cozinha, ninguém tem dúvidas sobre a hierarquia – e não há eleições” (“No meu c\*\*\*inho também”, alguém sussurra de passagem).

Apesar das críticas, da recente conversão ao zoroastrismo e das aparições polêmicas em eventos organizados por pessoas organizadas fora da órbita da realidade, 2022 foi o ano da consagração máxima do chef. Michel Lãmb ganhou a renomada estrela Michelin por seu prodigioso restaurante-piscina Water-Loló, localizado em Auvers-sur-Oise (pronúncia em francês: [o.vɛʁ.syβ.waz]). O conceito é tão simples que não deixa de ser genial. Por menos de 20 euros, o cidadão desfruta de um buffet aquático em uma piscina de água Perrier com todos os alimentos possíveis que possam boiar, dos mais coloridos aos de tom pastel, inclusive pastel. “Menos de Belém, porque não sou colonialista. Brincadeira [ele não ri]; tenho preguiça de fazer esse doce afetado e enjoativo”, reconhece. À beira do restaurante-piscina, enormes tubos de narguilé podem ser acoplados ao cliente, gerando uma experiência sensorial única – tanto para o tato como para os pulmões.

Ainda neste ano, Lãmb foi convidado pelo governo atual para compor uma transição. No caso, a transição do Rio São Francisco para Apucarana, o chamado Canal do Vatapá. Infelizmente, as coisas começaram a sair do controle. “Era pra ser só um canal no YouTube, mas de repente estavam partindo Sobradinho no meio”, lamenta. Apesar da possível alusão ao Canal do Panamá, a obra teve inspiração no estádio de contêineres da Copa do Mundo. Lãmb idealizou que, se cada trecho do canal fosse irrigado com contêineres de alimentos, acabaria com a fome no Brasil. “Morreu tanta gente na construção... Ninguém podia prever que blocos de aço iriam matar tanta gente. Mas poucos morreram por intoxicação alimentar, o que a gente deve comemorar. Criei uma dobradinha imperecível inspirada nos valentes operários do Canal do Vatapá”, recorda. “Custa R\$ 450 no menu degustação”.



Depois do MasterCreep, Michel Lãmb pretende se concentrar em outro projeto ousado: o próprio funeral. Mais especificamente, os comes e bebes da cerimônia. De entrada, Lãmb promete uma salada César – “com partes de um auxiliar chamado César” –, mas preferiu não dar detalhes. Um pouco mais aberto, ele confessa que seu sonho sempre foi ter o nome no prato, “como Bife Wellington”. “Será o dia em que literalmente farei das minhas entranhas uma porção de coração”. Michel é, de fato, um sujeito complexo: parte acidez, parte umami, parte veneno de rato.



# Entre mexicas e conquistadores

A invasão e conquista de **Tenochtitlán**, cidade-estado *mexica* (asteca), é um dos maiores eventos do Ocidente. Os conquistadores espanhóis lá chegaram em 1519, liderados por **Hernán Cortés**. Entre alianças, negociações e batalhas, de lá não saíram.

Tenochtitlán era a capital da **Tríplice Aliança**, o chamado **Império Asteca** – Tetzcuco e Tlacopan eram as outras duas *altepeme*, plural de *altepetl*, palavra em náuatle que caracteriza essas cidades-estado, cada qual governada por um *tlatoani*. O *tlatoani* da capital (*Huey Tlatoani*), como **Montezuma II**, era o líder da aliança, por isso costuma ser chamado de imperador.

Náuatle, por sinal, era a língua do povo náuatle (naua), o grupo indígena da região. O primeiro filho de Cortés com **Marina** (*La Malinche*), sua intérprete, concubina e protagonista neste cenário todo, é um dos primeiros *mestizos* (metade espanhol, metade ameríndio) da história do México.

Tenochtitlán foi construída sobre um lago natural (Lago de Texcoco) que hoje não existe mais, o que confere ao território um aspecto mágico, uma das tantas belezas intrínsecas a esse contexto histórico. O Texcoco foi drenado para conter enchentes depois de as represas terem sido destruídas (mas nunca reconstruídas) durante o cerco de Cortés.

Hoje, a antiga Tenochtitlán é o centro histórico da **Cidade do México** – sem lago. A Tríplice Aliança existia desde 1428 e acabou (pois passou para domínio espanhol) em agosto de 1521.

Aqueles que hoje chamamos de astecas (nome retroativo) são famosos por alguns fatores. Entre eles, sua cultura militar e a beleza de suas cidades – por exemplo, por conta de sua arquitetura e de seu grau de limpeza, que fazia qualquer megalópole europeia parecer um lixão. O aqueduto de Chapultepec, feito de terracota, fornecia água fresca para a população se banhar.

A cultura dos *mexicas* pré-colombianos também é conhecida pela organização de uma população imensa para os padrões da época: em suas feiras se reuniam dezenas de milhares de pessoas, movendo a prosperidade local. Por fim, havia os rituais de sacrifício, um dos pontos de conflito com os espanhóis da época (e não só espanhóis; e não só da época).

Por diversos motivos, a Tríplice Aliança pereceu em seu ápice. Isso rega a imaginação com questões do tipo “e se...”



**E N C L A V E**

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:  
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Para uma civilização e um evento tão expressivos, existe um número surpreendentemente baixo de produções modernas interessadas em nos contar alguma versão dessa longa história, repleta de conflitos das mais variadas ordens.

Até que a TV Azteca, em conjunto com duas outras produtoras, criou a série *Hernán* (2019), a maior produção já rodada na América Latina. A segunda temporada já foi confirmada.

Como o nome indica, a obra se concentra em Cortés. Muito além dele, no entanto, sete dos oito episódios têm algum outro personagem como pivô, começando pela própria Marina.

Também são extraordinários os episódios de **Xicotencatl II** – líder militar de Tlaxcala, que se uniu aos espanhóis na luta contra Tenochtitlán – e de **Bernal Díaz del Castillo** – que relataria a epopeia décadas depois na *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* (há questionamentos).

*Hernán* dispõe de ao menos três grandes méritos: a ambientação, que nos permite ver Tenochtitlán com uma qualidade inédita; a caracterização corajosa, que lida de forma adulta com conflitos muito difíceis de simplificar; e o linguístico – este merece grande destaque. Isso porque espanhóis falam castelhano; náuatles falam náuatle e maias falam maia. Isso exige o intermédio de um tradutor (às vezes, dois), o que confere um realismo devidamente catártico às cenas. Em outras palavras, nada de ver romanos, chineses e vikings falando inglês com sotaque britânico na Grécia.

Não tenho dúvidas de que conhecedores mais letrados que este editor encontrarão problemas históricos na narrativa. Também não tenho dúvidas de que a obra em si sobrevive às possíveis (prováveis, obrigatórias) distorções em seu recorte.

*Hernán* é um trabalho belíssimo sobre um dos eventos mais delicados, violentos e caóticos do Ocidente – por isso mesmo, um evento tão humano.



## Children's Games | Chovendo na Roseira

Antônio Carlos Jobim  
1970

*Chovendo na Roseira* foi apresentada em março de 1970 como uma pequena peça instrumental intitulada *Children's Games*, parte de 12 canções compostas por Tom Jobim e arranjadas por Eumir Deodato para o filme americano *The Adventurers*. O longa-metragem foi baseado no romance homônimo de 1966 de Harold Robbins, que conta a vida de Porfirio Rubirosa, playboy do jet set. Apesar do elenco de primeira classe – com Char-



posteriormente acrescentada e o título *Chovendo na Roseira*. Com letra em inglês de Gene Lees – intitulada *Double Rainbow* –, a canção foi provavelmente gravada pela primeira vez em 1974 por Sérgio Mendes & Brasil '77.

No mesmo ano, Elis Regina gravou aquela que é provavelmente a versão mais conhecida da canção em *Elis & Tom*, seu álbum em conjunto com Jobim. O disco foi produzido por Aloysio de Oliveira e arran-



*Flower*, lançado em julho de 1970. *Stone Flower* foi arranjado e conduzido por Eumir Deodato e produzido por Creed Taylor nos estúdios do lendário engenheiro de som de jazz Rudy van Gelder. Os músicos incluíam o trombonista Urbie Green, o baixista Ron Carter e o baterista João Palma.

No Brasil, *Children's Games* foi gravada pela primeira vez em 1971 por Osmar Milito ou Luiz Carlos Vinhas, ambos com a letra de Jobim



les Aznavour, Ernest Borgnine, Olivia de Havilland e a estrela de ópera Anna Moffo –, o melhor do filme limitou-se basicamente à sua “estrela mundial no ar”, quando a película foi exibida pela primeira vez na viagem inaugural do superjato Boeing 747, de Nova York a Los Angeles, na presença dos astros.

Na época do lançamento do filme, em março de 1970, Jobim gravou uma versão mais longa de *Children's Games* para seu álbum *Stone*



jado por César Camargo Mariano, que também tocou piano elétrico em *Chovendo na Roseira*, acompanhado por Oscar Castro-Neves no violão, Luizão Maia no baixo, Paulo Braga na bateria e Hubert Laws ou Jerome Richardson na flauta.



RelevO apresenta Brazilliance:  
a música do mês para o conhecedor sofisticado!  
Ouça as gravações por meio do código  
QR ou conheça a canção nº 95 no  
BRAZILLIANCE.wordpress.com



# Um Guimarães pouco conhecido: diário da Alemanha nazista

Mylene Queiroz

Guimarães Rosa foi o segundo marido de Aracy Moebius de Carvalho, a quem dedicou *Grande Sertão: Veredas* (1956). Aracy é conhecida como “Anjo de Hamburgo”. A alcunha de Aracy é referente à sua atuação na seção de passaportes, no Consulado de Hamburgo, junto a Guimarães Rosa, sendo responsável pela facilitação de vistos de centenas de judeus.

Conforme pesquisa das documentaristas de *Outro Sertão* (2013), no primeiro semestre de 1939, o número de vistos de turistas concedidos a judeus pelo consulado do Brasil em Berlim foi nulo. Comparativamente, no mesmo período, o número de vistos de turistas concedidos a judeus pelo consulado do Brasil em Hamburgo foi de quase uma centena. Adriana Jacobsen e Soraia Vilela atribuíram essa diferença às atividades de Rosa e Aracy, livrando judeus do nazismo.

Quando atuou como cônsul adjunto em Hamburgo, de 1938 a 1942, Guimarães Rosa registrou suas impressões em um caderno, chamado de *Diário Alemão*, *Diário de Hamburgo* ou *Diário de Guerra* pelos professores da UFMG, os quais tiveram acesso à obra antes do impedimento da publicação integral por parte dos familiares de Rosa.

O ano da chegada de Rosa a Hamburgo (1938) foi o ano da Noite dos Cristais (*Kristallnacht*) período que Hannah Arendt chamou de “Primeira Solução”. A inferiorização dos judeus pelos nazistas era ainda pouco aponta-

da como negativo por pessoas fora da comunidade judaica de modo geral. Embora o governo brasileiro do período, o getulismo, estivesse longe de se opor à Alemanha nazista, Rosa já tinha suas impressões sobre o projeto de destruição que se fazia em curso.

## Diário de Hamburgo

A leitura de trechos do *Diário* prova que os registros feitos por Guimarães Rosa são de naturezas distintas, havendo informações sobre alimentos e outras questões, efetivamente como um caderno de anotações. Os registros são importantes, entre outros motivos, por se tratarem, possivelmente, das únicas anotações de um escritor da América do Sul acerca da atuação da Alemanha nazista. No registro de 2 de março de 1940, sábado, lemos:

Hoje, ao sair da casa do C. Geral, às 10 e meia, vi os holofotes. Céu estrelado. Noite escura na terra e clara no céu. Dois holofotes imóveis — cones cruzados. E um terceiro, pendurando um ângulo invariável, corria, para lá e para cá, batendo meio céu e desrespeitando uma porção de constelações. Os aviões ingleses têm vindo a Berlim todos estes 4 dias.<sup>1</sup>

Neste trecho, tem-se “C. Geral” como referido ao Cônsul Geral Joaquim Antônio de Souza Ribeiro. Sobre o Cônsul, na obra *Sin fronteras: encuentros de mujeres y hombres entre América Latina y Europa* (2008), Eugenia

Scarzanella e Mônica Raisa Schpun sugerem que Ribeiro desconhecia as atividades de Aracy e de Rosa para conseguirem vistos permanentes para judeus alemães em direção ao Brasil, tendo em vista um relato de Margarethe Levy, a respeito de como Aracy havia coberto o documento antes do pedido de assinatura do seu superior, ainda em novembro de 1938. Sabe-se, no entanto, que a autora do relato conseguiu o visto, inclusive teve contato no Brasil alcançado também por Aracy, quem ligou para um amigo delegado e solicitou regularização da documentação desta senhora e de seu esposo.

Esse tipo de informação certifica o impacto nas vidas dos sujeitos que receberam auxílio por parte tanto de Aracy, quanto de Rosa, que viveram na Alemanha atuando por meio de uma série de atividades. Recordar-se que, apesar do fato da atuação de Aracy e de Rosa em busca da “salvação de judeus perseguidos pelo Terceiro Reich ser *amplamente documentada*, o Diário não apresenta qualquer alusão a essas ações — nem teria como apresentar, para não colocar em risco os envolvidos e, sobretudo, os próprios judeus.” (OTTE, 2018, p. 137). Essa informação sobre essa atividade ser amplamente documentada diz respeito ao documentário *Outro Sertão* (2013), já citado. No contexto em que estava, a sensação de insegurança é constantemente narrada. Não são poucos os recortes que tratam sobre os bombardeios, tendo

em vista o cotidiano dos que viviam em locais como Hamburgo. Ao fim de outubro de 1940, Rosa anuncia *uma nova fase da guerra aérea*:

## 25 de outubro de 1940<sup>2</sup>

O ataque de ontem à noite foi o mais sério e terrível de quantos houve até hoje. (...). Sempre com tiros e bombas tremendas. Parece que inaugurou para nós uma nova fase da guerra aérea. **Será que começou mesmo o fim do mundo?!** O trovão das bombas se repetiam, infernal. Havia corpos estranhos, como flechas luminosas e coloridas, horizontalmente no ar, em enfiadas pela Rothenbaumchaussee. Houve um Volltreffer na Lombardsbrücke. Quando a bomba caiu, a minha casa terremoteou de baixo pra cima, desde os alicerces. A vinda para o Consulado foi uma aventura automobilística, de tantos “Umleitung” e “Umwege”. A Lombardsbrücke gesperrt. Etc, etc.

(...) bombas explodiram perto da casa do Schlen. O Leidig eu Atlantic evacuados, bem como outras casas na Holzdam. Glockengiesserwall em parte gesperrt. Blindgängers na Lombardsbrücke, e, aqui perto, na Kunsthalle. Tivemos de descer à Keller, onde estou escrevendo, porque vão fazer rebentar os Blindgänger.

A *Rothenbaumchaussee*, rua no centro de Hamburgo, torna-se este local

da destruição, dos “corpos estranhos”, de maneira que todos podem notar essa visão do “fim do mundo”. *Lombardsbrücke* trata-se de uma ponte, neste caso em que ocorreu um *Volltreffer*, isto é, uma bomba que acertou “em cheio”. Posteriormente conhecido por sua escrita rica em neologismos, aqui Rosa escreve “terremoteou” para se remeter a como sua casa estremeceu neste momento. A ida ao Consulado é marcada por avisos de desvios: “Umleitung” e “Umwege”, com a ponte e ruas estando *gesperrt*, isto é, bloqueadas, havendo ainda *Blindgängers*, termo que se refere a bombas que não explodiram. Todos esses registros, conforme indica, foram feitos do porão: *Tivemos de descer à Keller, onde estou escrevendo, porque vão fazer rebentar os Blindgänger.*

\*\*\*

Toda essa façanha de Rosa ainda é pouco comentada, mesmo que tenha lhe rendido um dossiê da Gestapo, a polícia secreta oficial da Alemanha nazista, bem como um confinamento pelo governo alemão de 100 dias em Baden Baden. Ainda sobre os registros, apesar de não existir uma publicação completa do *Diário de Hamburgo*, há uma série de matérias publicadas em revistas e blogs antes do impasse gerado pelos herdeiros, com o impedimento da publicação integral.

Em entrevista com o escritor e tradutor Haroldo de Campos sobre o primeiro encontro dele com Guimarães Rosa, ele diz que, exaltado com o assunto, Rosa nem sequer se apresentou e logo discorreu sobre o fascismo como a personificação do “demo”, em alusão à sua experiência como cônsul em Hamburgo. Guimarães publicou vários livros, dentre os quais o seu único romance *Grande Sertão: Veredas*. Neste livro, questionamentos sobre a existência do Diabo (existe? Ou o que há é o homem humano?), temas como alteridade e encontro com as diferenças compõem a narrativa. O olhar de Rosa sobre o nazismo, escritor considerado um dos maiores que o país já teve, marcou a sua biografia e a sua produção literária.

#### REFERÊNCIAS

- BRAVO!** São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- COSTA, Ana Luiza Martins. Veredas de Viator. **Cadernos de Literatura Brasileira. João Guimarães Rosa**. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 20 e 21, 2006.
- OTTE, Georg. **Entre Goethe e Hitler**: o Diário de guerra de João Guimarães Rosa. Eixo Roda, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 135-150, 2018
- Outro sertão** (doc.). Direção: Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, Brasil, 2013, 73 min.
- ROSA, Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- ROSA, Guimarães. **A senhora dos segredos**. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 dez. 1952.
- ROSA, João Guimarães. **Literatura e vida**. Arte em revista, ano I, 2: 5-17, São Paulo, maio/agosto 1979.
- SOUSA, Roberta da Costa de. **O Diário de Guimarães Rosa**: visões da Alemanha Nazista. GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018.
- SCARZANELLA e SCHPUN. **Sin fronteras**: encuentros de mujeres y hombres entre América Latina y Europa (siglos XIX-XX). Iberoamericana Editorial Vervuert, S.L.; Edição: 1 (1 de dezembro de 2008)

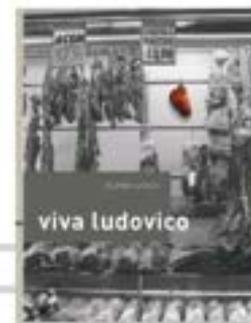
[1] **BRAVO!** São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

[2] **BRAVO!** São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

Leia um poema  
em dezembro de 2022

portal  
**fazia.  
poesia**

acesse  
• [faziapoesia.com.br](http://faziapoesia.com.br) •



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

# Rachel Goliarda Sapienza

Tradução de Valentina Cantori

Desde a edição de junho, o RelevO republica artigos do projeto Escamandro ([escamandro.wordpress.com](http://escamandro.wordpress.com)), dedicado à poesia, crítica e tradução literária. O coletivo recentemente encerrou suas atividades de mais de dez anos.

Goliarda Sapienza (1924-1996) foi atriz, poeta e prosadora italiana. Apesar de ter escrito muitas obras, veio a ser reconhecida apenas neste novo século com a publicação de *l'Arte della gioia*, seu romance de destaque. Porém, é importante dizer que Sapienza, antes de ser prosadora, é poeta: nos anos 1950 compôs *Ancestral*, livro de poemas que permaneceria inédito até 2013. Esse foi o ato de nascença de uma das autoras mais complexas e versáteis do Novecento italiano, cuja prosa não existiria sem a poesia. Depois de quase 70 anos, *Ancestral* teve sua primeira tradução para outra língua em 2020, saindo pela editora brasileira ayiné.

Con la gioia  
dell'occhio voglio  
amarti straniero  
nemico  
uomo amante  
nemico  
Tu non sei padre  
di donne come vuoi  
sembrare  
e se lo sguardo  
addolcisci la  
bugia del tuo  
sesso s'affila  
in una lama  
Io non temo il  
coltello  
contenere posso  
il suo assalto senza  
sforzo e rubarti  
lo sperma donna  
e ladra la  
natura m'ha  
fatta per godere  
e rubare  
e sottrarti la  
vita che tu temi  
di dare uomo avaro  
che sperperi  
nei dubbi dell'essere  
o del non essere  
il tuo pene

Com o prazer  
dos olhos quero  
te amar estrangeiro  
inimigo  
homem amante  
inimigo  
Não és pai  
de mulher como queres  
parecer  
e se o olhar  
abrandas a  
mentira do teu  
sexo se aguça  
numa faca  
Eu não temo a  
lâmina  
conter eu posso  
esse assalto sem  
esforço e te roubar  
o esperma mulher  
e ladra a  
natureza me  
fez para gozar  
e roubar  
e te furtar a  
vida que temes  
dar homem avaro  
que dilapidas  
nas dúvidas do ser  
ou do não ser  
o teu pênis

Non scherzare di notte fuori dall'uscio  
il vento di scirocco porta profumo  
di zagara e di mosto, fa cadere  
le ragazze ferendole alle cosce.  
E il sentore di mosto spiaccicato  
sulle carni richiama cento cani  
Cento cani ti mordono se cadi  
e una cagna sarai sola additata.

Não brinques à noite fora do portão  
o siroco traz perfume de mosto  
e de flor de laranjeira, derruba  
as garotas ferindo-as nas coxas.  
E aquele cheiro de mosto esmagado  
sobre a carne junta em torno cem cães  
Cem cães que te mordem enquanto caís  
e uma cadela serás, só e exposta.

Gessuminu girmuggia  
da li to mani pusati  
su l'umitu da rina.  
Si rapunu i to occhi  
a li lampari  
ca currunu a funniri  
u mari cu li stiddi.

Jasmim germina  
das tuas mãos pousadas  
no úmido da areia.  
Abrem-se os teus olhos  
às lâmpadas de pesca  
que correm a fundir  
o mar com as estrelas.

**A T. M.**

Quando fu che incontrasti  
il tuo dolore e imparasti  
a vedere che ogni donna  
lo tiene ripiegato contro il seno.

Quando fu che improvviso  
faccia a faccia il suo viso  
sfrangiato ti si oppose  
e fissasti i suoi occhi di corallo.

Fu scrutando la fronte  
tra le sbarre nell'ombra  
ristagnante nel cortile.

O nei segni di gesso  
del percorso inventato  
pel gioco sotto casa  
insoluto tracciato  
di rincorse snodato  
nella sera.

O nel muto cadere  
della palla sull'erba  
nera di pioggia.

Come fu che imparasti a trasmutare  
quel dolore di donna che le membra  
contorce in quel bianco calore  
che dal seno  
alle spalle ti commuove.

Tu cancelli il tremore delle labbra  
con lacche rosse con risa ma nei silenzi  
lo si sente gridare nelle dita  
di quei rami protesi  
contro i muri notturni che tu ami  
nelle lame sferrate nel fogliame  
lame aguzze di neon che le tue mani  
brevi mani agitate di ragazzo  
tagliano  
ma tu neghi il dolore con merletti  
e mi guardi negli occhi dove l'asfalto  
si scompone in un cielo  
nero di pece.

Aperture fugaci  
su tramonti per viali  
inquinati dalla notte  
ridicono di pianti  
smarrimenti, mentre  
ferma mi guardi  
e ti nascondi. E se  
attenta mi chino  
sul tuo viso tu  
scrolli i capelli sulla fronte  
per celare al mio amore il tuo spavento.

**Para T. M.**

Quando foi que encontraste  
a tua dor e aprendeste  
a ver que cada mulher  
a mantém dobrada contra o seio.

Quando foi que de repente  
esse rosto frente a frente  
esfiapado se te opôs  
e fitaste aqueles olhos de coral.

Foi perscrutando a fronte  
entre as grades na sombra  
estagnada no pátio.

Ou nas marcas de giz  
do percurso inventado  
brincando lá fora  
insolúvel traçado  
de impulsos tomados  
quando é noite.

Ou no mudo cair  
da bola na grama  
negra de chuva.

Como foi que aprendeste a transmutar  
aquela dor de mulher que os membros  
contorce naquele branco calor  
que do seio  
às costas te comove.

Apagas o tremor dos lábios  
com laca vermelha com risos mas nos silêncios  
pode-se ouvi-lo gritar entre os dedos  
daqueles ramos estirados  
contra os muros noturnos que amas  
nas facas desferidas entre as folhas  
facas finas de neon que as tuas mãos  
breves mãos agitadas de garoto  
cortam  
contudo negas a dor com rendas  
e me olhas nos olhos onde o asfalto  
se desmancha num céu  
negro de piche.

Aberturas fugazes  
no entardecer das ruas  
poluídas pela noite  
recontam de prantos  
perdas, enquanto  
parada me olhas  
e te escondes. E se  
atenta me inclino  
ao teu rosto  
soltas o cabelo sobre a fronte  
para ocultar do meu amor o teu assombro.



# A coisa

Eleazar Venancio Carrias

Há uma coisa suspensa  
na massa escura.  
Ora atravessa o céu  
ora atravessa a rua.  
— Não a nomeie.

Contaminava, há um segundo,  
as conversas no bar.  
Assoma à sua janela,  
agora ar fresco e fecundo.  
— Não o respire.

Some e reaparece  
em calendários, telefonemas.  
Diz que ouviu sua prece  
e já bate à sua porta.  
— Não a atenda.

*De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia*, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: “cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha”. A exemplo da “escrita imediata dos meteoros”, a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, “... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia”. Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também.  
Por Alberto Bresciane

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



"no olho do escritor

o  
emaranhado  
de espelhos  
tecidos  
de água  
em desalinho

no olho do escritor  
o filamento  
dos dias compridos

os olhos do escritor  
viram-se  
nos meus  
e  
num  
marcado  
castanho  
nós dois  
choramos"

A jornalista paulistana Renata de Alcântara Stuani estreia na literatura com *Melancolicamente*, lançamento da Luxa Editora. O eu-lírico de Renata está sempre em metamorfose e adquire formas e personalidades distintas: muitas vezes terna e infantil, e outras, sombria e violenta. Temas clássicos, como a morte e a divindade, se mesclam a composições intimistas. A política, a psicanálise, a tecnologia e até a música pop são base para a construção de poemas de grande musicalidade, com resultados muitas vezes surpreendentes. Renata (@renata.stuani) faz parte do coletivo de poetas Fazia Poesia.

*Melancolicamente* está à venda na livraria  
Martins Fontes de São Paulo

[www.martinsfontespaulista.com.br](http://www.martinsfontespaulista.com.br)

# O Filme

## Andrey Derzette

— Como podemos ver — apontou para o gráfico. — Estamos encerrando a temporada de produção do nosso próximo filme-evento. Aqui estão alguns dados relevantes, desde a nossa última obra, são de aproximadamente 1 mês e ½ atrás. Conseguimos significativamente diminuir o tempo de desenvolvimento em comparação com o anterior, deixando-o + próximo, culturalmente, da época em que foi lançado. *Just-in-time*. Sim, a equipe de VFX foi aumentada. Memes ainda são 1 tópico complicado; mesmo com o aceleração na produção, alguns não sobrevivem ao respiro de Cronos. Mitologia grega. Temos 3 franquias com essa temática. Haverá novos memes sim. Apesar de alguns atrasos, nosso *staff* especializado tem apresentado cada vez + eficiência. Evolução gradual. Vou ser sincero que às x eu nem sei o que é nosso e o que não é. Enfim, a nossa meta segue sendo a mesma: - *budget* + *profit* = *Continuous Improvement!* Para isso, como sabem, seguimos 1 novo panorama de planejamento. 1 palavra, 1 acrônimo: MAIS. MELHORAR; AGILIZAR; INDUZIR — SUPERAR. Tem esse obstáculo recente que, apesar de exponencialmente inferior à nossa infraestrutura, está ganhando certa atenção do público. É nicho. Sim, é 1 público nichado. Com certeza, no momento não são ameaça alguma, entretanto, toda prevenção é válida. Eles não possuem os recursos que possuímos. Ainda assim, com o pouco que possuem... é. Por isso precisamos cada vez + superar, soletrem comigo: S-U-P-E-R-A-R. E com isso volto ao tópico principal: os nossos investidores apostaram fortemente nesse projeto; ainda não tem título definitivo, deixamos o ofício aos fãs, mas entre nós é o que chama-

mos de Projeto Magnum™. A maior produção já feita. Lançada no período certo. Perfeita. 90% do material previamente concluído. Método de recortes adaptativos: o futuro do mercado. Toda a estrutura geral do filme pronta; altera-se as cenas de acordo com a recepção do público aos materiais de divulgação. Retrocriação; a obra ideal: o filme para acabar com todos os filmes.

Aliado a isso, como de costume, também faremos uso do nosso cross-media: uma saga de livros; duas séries focadas em personagens distintos; uma trilogia de jogos... Alguns antes, outros durante e os últimos após o término do filme. Exatamente! Seguimos o nosso padrão: todas as produções são independentes entre si, *however*, a experiência definitiva do Projeto Magnum™ só será possível através do consumo integral de todas essas produções. Novos empregados, sei que devem estar confusos, porém, devo esclarecer que não há nada de utópico ou impossível nisso; os psicólogos do nosso departamento de R&D já deram o aval. Os outros, vocês sabem: grandes big-data do mercado entraram de cabeça no Projeto Magnum™, digital-influencers, integração-meta... De qualquer forma, temos tudo que precisamos na palma da mão. Isso é incrível! Fascinante! Revolucionário! Tudo começa a partir de agora, com apenas 1 anúncio, 1 tweet, inauguraremos 1 novo padrão de produção artística ao mundo... 8º arte?! Ah, já existe... Peço perdão pela empolgação, é que devo confessar: esse momento é muito importante para mim, para nós... Já pensaram como é a sensação de criar algo que agrade todo mundo? Tarefa tão complicada! Sim. É a satisfação que nos dá o retorno, a vontade de criar, de melhorar cada vez +; o mérito.

Desconsideremos opiniões conflituosas, isso sempre haverá...

Pronto! Projeto Magnum™ nos Trending Topics. Os seguidores já estão animados! E em seguida, o trailer... Mas esperem! Antes disso... é que acabo de receber uma *call*. Apenas algumas alterações, eu imagino... Nova linha? Certo, apenas passe para uma de nossas figurinistas. Quem diria que a linha JunkGang envelheceria tão rápido... Quero dizer, a deterioração fazia parte da estética! É até poético, se parar para pensar, vejam, é como dizem... periférico! Ok, já temos uma nova linha de roupas e-x-c-l-u-s-i-v-a do Projeto Magnum™... que agora se chama *The Marvelous Effect™!* (Preferia o outro nome, democracia nunca dá certo...). Informem o resto da produção, que já temos nome! O filme-evento do século: *The Marvelous Effect™*, uma grande história sobre...

- A) Super-Heróis
- B) Deuses Gregos
- C) Fadas
- D) Celebidades

E o escolhido foi... celebridades!? É, acho que o cachê consegue cobrir... (Foi-se o tempo que herói dava dinheiro...) Tudo bem, agora vamos para os *special effects!* Pessoal da edição vai gostar de acompanhar o resultado.

- A) Efeitos Práticos
- B) Computer-Generated Imagery (CGI)
- C) Efeitos Práticos + CGI

E o vencedor é... Os 2, claro! Eu gosto dessa hibridez, é equilibrado, é bom! Se bem que a equipe de efeitos práticos... A própria proposta do filme... Ah, ninguém sabe diferenciar. Nosso CGI é bom, ultrarrealista. Continuando, agora vamos para o tom do filme! Vejamos:

- A) Eufórico
- B) Deprimente
- C) Misterioso
- D) Agridoce

E o público escolhe... Eufórico! Essa era fácil. Nesses tempos de caos político-econômico social...

Continuando, temos outras duas etapas, antes de passarmos para os procedimentos finais de fato. Veremos agora os *cameos* do filme! Sem votação dessa vez, isso é segredo. *Secret!* Pessoal das redes sociais vai cuidar disso. Vejam o que eles pedem, até memes, considerem tudo... esse ator não morreu já? Envie uma solicitação formal para a família, pagamos bem; explique para eles sobre a nossa tecnologia de inteligência artificial de sintetização-interpessoal-holográfica de ponta ou DeepFake para quem é das antigas. Já autorizaram? Certo, e os contratos? Bom, então concordaram com os direitos de reprodução. Sim, é óbvio, mas é cada processo digitalista que a gente recebe... complicado! Enfim! Vamos para a última etapa, essa que também é a que mais gosto! O gancho para a continuação. Se bem que... Não sei se isso faz sentido. Cortemos essa parte por agora. Está pronto! Vamos lançar o filme agora mesmo, à meia-noite, em todos os serviços de streaming disponíveis. Meia-noite que é na verdade daqui... 5 minutos! Como passou depressa! Nem vou conseguir ver o corte final desse jeito, mas ossos do ofício; confio no potencial da minha equipe. Vocês são a *minha família*. Sei que não falharam, depois de anos e anos de experiência, de grandes sucessos aclamados pela grande mídia. Até mesmo os mais exigentes torceram a língua depois da criação do nosso setor cult. Pode não ter dado certo a curto prazo, alguns lucros abaixo do esperado, mas vejam: é 1 subsídio necessário; dará grandes frutos no futuro.

Qual foi a recepção do público em relação aos nossos spin-offs? Ótimo. Esperem! Há apenas essas pequenas alterações que devemos fazer, é rápido. Os nossos funcionários do setor de Previsão Receptiva já prepararam as cenas. Apenas alguns ajustes ali, outros aqui. Não esqueçam da aparição dele! É importante... Claro que dá tempo! 1 minuto ainda é 1 minuto! O *backlash* vem forte depois. Isso aí! Agora sim, faltando 3... 2... 1...!



### Crítica | The Marvelous Effect

*Com uma boa dose de humor, aparições especiais, efeitos de ponta e uso da mais alta tecnologia disponível na Sétima Arte, The Marvelous Effect é o mais novo acerto da DFW Studios.*

Muitos pensaram que, após o último lançamento do *Reino das Fantasia*s, seria muito difícil superar o padrão que eles mesmos estabeleceram no mercado. Porém, mais uma vez fomos surpreendidos, com o grande projeto de mídia-simultânea *The Marvelous Effect*, lançado, dessa vez, direto para as telinhas, em todos os serviços de *streaming* disponíveis.

Cumprindo todas as expectativas dos telespectadores, através do uso do chamado “método de recortes adaptativos”, a DFW Studios entrega uma produção da mais alta qualidade, misturando em uma obra só todas as franquias anteriores do estúdio & mais! Acabo de terminar essa review, e já sei que irei para a minha 8ª exibição, e que irei assistir de novo, e de novo, e de novo, e de novo, e de novo!

*Nota do Crítico:* ★★★★★ Excelente

Confira também:

[Spoiler] Veja Como Aquele Ator Voltou À Vida! (*The Marvelous Effect*)

10 Easter Eggs Que Você Provavelmente Não Percebeu Em *The Marvelous Effect* [Opinião] Como Assistir Algo Depois de *The Marvelous Effect*?

## **AMEI-TE COM AS PALAVRAS**

Rosa Lobato de Faria

Amei-te com as palavras  
com o verde ramo das palavras  
e a pomba assustada do coração.

Amei-te com os olhos  
o espelho doido dos olhos  
e a sede inextinguível da boca.

Amei-te com a pele  
as pernas e os pés  
e todos os gritos que trago  
por debaixo da roupa.

Amei-te com as mãos  
As mesmas com que te digo adeus.

